



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**TALITA ROSA MÍSTICA SOARES DE OLIVEIRA**

**O “FIM DO MUNDO” E OS “DESBRAVADORES DA FÉ”:  
A DISCIPLINA COMO MEIO DE SALVAÇÃO NA ESCRITA DE ELLEN WHITE**

CAMPINA GRANDE – PB

JUNHO/2017

**TALITA ROSA MÍSTICA SOARES DE OLIVEIRA**

**O “FIM DO MUNDO” E OS “DESBRAVADORES DA FÉ”:  
A DISCIPLINA COMO MEIO DE SALVAÇÃO NA ESCRITA DE ELLEN WHITE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito avaliativo para a obtenção do título de Mestre em História.

**ORIENTADORA**

**Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Marinalva Vilar de Lima**

**CO-ORIENTADOR**

**Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**JUNHO/2017**

**TALITA ROSA MÍSTICA SOARES DE OLIVEIRA**

**O “FIM DO MUNDO” E OS “DESBRAVADORES DA FÉ”:  
A DISCIPLINA COMO MEIO DE SALVAÇÃO NA ESCRITA DE ELLEN WHITE**

Data da defesa e aprovação: \_\_/\_\_/\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marinalva Vilar de Lima  
PPGH / Universidade Federal de Campina Grande  
Orientadora

---

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira  
PPGH / Universidade Federal de Campina Grande  
Co-orientador

---

Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra  
PPGCS – Universidade Federal de Campina Grande  
Examinador Externo

---

Prof. Dr. Alarcon Agra do Ó  
PPGH / Universidade Federal de Campina Grande  
Examinador Interno

---

Prof. Dr. Celso Gestemeier do Nascimento  
PPGH / Universidade Federal de Campina Grande  
Examinador Suplente

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

O48f Oliveira, Talita Rosa Mística Soares de.  
O “fim do mundo” e os “desbravadores da fê” : a disciplina como meio de salvação na escrita de Ellen White / Talita Rosa Mística Soares de Oliveira. – Campina Grande, 2018.  
92 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.  
"Orientação: Profª. Drª. Marinalva Vilar de Lima".  
Referências.

1. Identidade Adventista - História. 2. Clube de Desbravadores.  
3. Disciplina. 4. Salvação. I. Lima, Marinalva Vilar de. II. Título.

CDU 930.2:279.14(043)

A meus pais, irmãos e toda a minha família pelo o apoio, suporte, e compreensão de tantas ausências.

A *Ana Maria*, minha tia, exemplo de força, coragem, e fé.

A *Mônica Santana*, meu amor, por todo incentivo, auxílio, compreensão. Obrigada por ter sido a calma e a força nos momentos mais decisivos dessa trajetória.

## AGRADECIMENTOS

A escrita de uma dissertação se completa após uma longa caminhada de vivências e experiências que despertaram uma variedade incomensurável de sensibilidades, dispersas pelos “tempos” em que se deram, mas que têm como resultados, trocas que se impõem no amadurecimento intelectual e pessoal.

Dessa multiplicidade de sensações, as lembranças vão ser acessadas a partir da vontade de memória para o “agradecer”. Movimento sempre selecionador e realizado no presente da ação da vontade de memória, que nem sempre atua com justiça.

Quero agradecer em primeiro lugar, aos professores do Programa de Pós-Graduação em História, que tanto contribuíram para meu crescimento acadêmico.

A Capes, pelo financiamento da pesquisa, tornando possível a viabilização da mesma.

Aos colegas da Coordenação de graduação e Pós-graduação, servidores técnico-administrativos, Socorro, Jeo, Armani, Felipe e Arnaldo, por toda atenção e paciência, “socorro bem presente na hora da angústia” (risos).

Aos integrantes da banca, professores Dr. Alarcon Agra do Ó e Dr. Lemuel Dourado Guerra, por aceitarem participar deste momento que marca o fechamento de um ciclo de minha profissionalização. Agradeço-lhes a disponibilidade e interlocuções.

Ao Prof. Dr. Henrique Alonso de Albuquerque Rodrigues Pereira do Programa de Pós-Graduação em História da UFRN, pela disponibilidade em participar da banca de qualificação deste trabalho, suas orientações foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. Sou muito grata por suas indicações.

Aos meus orientadores: Professora Dr<sup>a</sup> Marinalva Vilar de Lima e Professor Dr. Iranilson Buriti de Oliveira por suas intervenções indispensáveis, pela amizade, total apoio e incentivo. Obrigada pelas contribuições e por terem acreditado nessa ideia ajudando-me a tornar o tema possível.

Ao Clube de Desbravadores *Pioneiros da Selva*, vocês fazem parte da minha história. Obrigada por todo espaço, ajuda, acolhimento.

Aos meus colegas de mestrado (*turma 2015*), em especial aos amigos Roberto Viana e Tereza Diniz, dois cearenses arretados que desde os primeiros encontros ganharam um espaço enorme no meu coração.

Não posso me esquecer de agradecer também pelo companheirismo e momentos de boas risadas que tive na companhia de Priscila Gusmão e Roberta Gerciane, pessoas

maravilhosas com quem partilhei muitos dos desafios da pós-graduação, espero que nunca nos falte o café do seu Olavo!

Aos amigos, Juliene Câmara, Maxwell Medeiros, Ivone Agra, Bruno Pereira, Juliana Siqueira, Larissa Santana e a todos os outros que não estão nomeados aqui, mas que foram fundamentais, tanto nas horas de distração como nos momentos em que precisei de palavras de encorajamento.

Agradeço a meus pais: Alcidézio (Tida) e Maria José, a meus irmãos: Thaís e Técio, e aos demais membros de minha família por todo carinho e incentivo que, ao longo dessa trajetória foram compreensivos com minhas ausências. Obrigada pelo amor e respeito diante das escolhas que fiz, e por toda a força e apoio que me impulsionaram a chegar até aqui.

A Ana Maria, minha tia, mulher guerreira, exemplo de força, coragem, e fé. Sua esperança na promessa de viver eternamente em um mundo sem dor, sem sofrimento e, sua garra de lutar pela vida me emociona e, me faz querer ser alguém melhor todos os dias. A ti, todo meu amor, respeito e admiração.

A Mônica Santana, meu amor, por toda a atenção e carinho que a mim tens dispensado. Obrigada pela paciência, pela companhia em tantas noites em claro, nas quais sua presença e metáforas alegóricas (risos) trouxeram a leveza e ânimo para continuar o trabalho. Você é exemplo de determinação e de muitas outras coisas que eu quero ser.

E por fim, a todos os que influenciaram direta ou indiretamente na elaboração deste trabalho.

## RESUMO

Este trabalho analisa as diferentes estratégias pedagógicas realizadas no Clube de Desbravadores, departamento da igreja Adventista do Sétimo Dia, voltado para o ensino e entretenimento de crianças e adolescentes. Considerando o Clube de Desbravadores enquanto uma apropriação do clube de escoteiros e de sua ideologia que, coadunava com o contexto de modernização e higienização social do século XX, problematizamos como tais ideais foram ressignificados dando origem a esta instituição. Analisamos como os métodos de regramento do corpo, exercidos por esta entidade, são utilizados enquanto mecanismos para formar uma geração de fiéis fortes e saudáveis, diferenciando-os da sociedade secular que, em sua visão, se apresenta cada vez mais doente, fraca e decadente. Portanto, entendemos a criação do clube de desbravadores enquanto uma recepção feita pela igreja adventista dos escritos de Ellen White, que em sua narrativa escatológica associa a história do *fim do mundo* à necessidade de uma preparação, por parte do cristão, para resistir física e espiritualmente às perseguições dos *últimos tempos*. Assim, a figura do desbravador caracteriza-se enquanto uma representação do *adventista por excelência*, modelo que reúne os principais símbolos culturais adventistas, colaborando para a consolidação da identidade deste grupo religioso.

Palavras-chave: Clube de Desbravadores. Identidade Adventista. Disciplina. Salvação.



## **ABSTRACT**

This work analyses the different pedagogical strategies conducted in the Pathfinders Club, a department from the Seventh-day Adventist Church, focused on teaching and entertainment of children and teenagers. Considering the club of Pathfinders as an appropriation of the club of scouts and their ideology, which suits with the context of modernisation and social hygiene of the 20th century, we discuss as such ideals were remeant by giving rise to this institution. We analyze how the rules of the body, established by this entity, are used as mechanisms to form a generation of strong and healthy believers, differentiating them from the secular society that, in their vision, are increasingly sick, weak and decadent. Therefore, we understand the creation of the Pathfinder Club as a reception by the Adventist Church of Ellen White's writing, which in her eschatological narrative, associates the history of the end of the world to the necessity of a preparation, by the Christian, to resist physical and spiritually the persecutions of the recent times. As a result, the figure of the Pathfinder is characterized as an Adventist representation of excellence, a model that brings up the main Adventist cultural symbols, collaborating with the consolidation of the identity of this religious group.

**Key-words:** Pathfinders club. Adventist identity. Discipline. Salvation.

## **LISTA DE IMAGENS:**

Figura 1: Acampamento de Sobrevivência para líderes de Desbravadores. p.21

Figura 1: Esferas de desenvolvimento do escoteiro p. 28

Figura 3: Método Escoteiro p.39

Figura 4: Ramos do Grupo Escoteiro p.40

Figura 5: Classes regulares e avançadas. p. 41

Figura 6: Líder condecorando desbravador Cerimônia de Investidura em classes regulares Egito/2015 p. 44

Figura 7: Cartões de Classes Regulares e Avançadas do Clube de Desbravadores. p. 46

Figura 8- Índice do cartão de atividades da classe Amigo. p.49

Figura 9: Emblema dos Desbravadores p.55

Figura 10: Bandeira do Clube Desbravadores p. 56

Figura 11: Desbravadores executando ordem unida p. 57

Figura 12: Uniformes Oficiais dos desbravadores. p. 58

Figura 13: Uniforme oficial dos desbravadores p. 58

Figura 14: Uniforme de Gala 10 a 15 anos. p. 59

Figura 15: Pelotão Feminino - Desfile Cívico 7 de setembro de 2016 Campina Grande/PB p. 61

Figura 16: Banda dos Desbravadores Desfile Cívico 7 de setembro de 2016. Campina Grande-PB p. 62

Figura 17: Saudação Maranata. p.73

Figura 18: Os 4 A's da Saudação Maranata. p. 74

Figura 19: Manuais de Especialidades. p. 78

Figura 20 Acampamento de Desbravadores - Vivo por Jesus. p. 82

Figura 23: Acampamento de Desbravadores. Prova: Desbravador de Ferro. P. 83

## **LISTA DE SIGLAS**

DDAG: Departamento de Desbravadores da Associação Geral

IASD: Igreja Adventista do Sétimo dia.

MV: Missionários Voluntários.

“Quem come do fruto do conhecimento é  
expulso de algum paraíso.”

**Melanie Klein**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO I – DO “SEMPRE ALERTA” AO “MARANATA”: APROPRIAÇÕES ADVENTISTAS DO ESCOTISMO DE BADEN-POWELL .....</b>	<b>25</b>
<b>1.1– Desbravadores: a história que “<i>nasceu</i>” no coração de Deus. ....</b>	<b>26</b>
<b>1.2– Ellen White e as prescrições adventistas para a educação.....</b>	<b>34</b>
<b>1.3– A Pedagogia Escotista e as Diretrizes Whiteanas: analisando o currículo pedagógico do clube de desbravadores .....</b>	<b>40</b>
<b>CAPÍTULO II – O CLUBE DE DESBRAVADORES E A DISCIPLINA COMO MEIO DE SALVAÇÃO .....</b>	<b>54</b>
<b>2.1– “<i>Ser Cortês e obediente</i>”: a disciplina militar e a docilização dos corpos. ....</b>	<b>55</b>
<b>2.2– “<i>Amar, Aguardar, Anunciar e Apressar</i>”: A Missão do Desbravador na Escatologia Adventista.....</b>	<b>67</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>87</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>89</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>91</b>

## INTRODUÇÃO

*Pela Graça de Deus  
Serei Puro Bondoso e Leal  
Guardarei a Lei dos Desbravadores  
Serei servo de Deus  
E amigo de todos.<sup>1</sup>*

São muitas as lembranças que esses versos trazem a minha memória. Muitas vezes os repeti nas reuniões e encontros do Clube de Desbravadores. Tendo crescido num lar adventista, desde cedo fui envolvida nos programas e atividades da igreja, sendo instruída a pautar meu comportamento de acordo com esses preceitos.

Lembro que meu primeiro contato com o clube aconteceu num culto de sábado, dia principal de programações da IASD<sup>2</sup>, quando um grupo de crianças, que participava do clube de desbravadores *Estrelas do Universo*, foi se apresentar na igreja, convidando as crianças e adolescentes para que se juntassem a eles. Ficamos encantados vendo aquelas crianças uniformizadas, exibindo suas faixas cheias de distintivos, todas enfileiradas, carregando banderins, cantando o hino e proferindo os ideais do clube.

Assim como eu, outras crianças da igreja estavam ansiosas para entender do que tratava aquele clube e, como as reuniões aconteciam aos domingos numa escola perto da nossa casa, fomos conhecer logo no dia seguinte. Tudo ali era fascinante, talvez por ser diferente de todos os programas de que já havíamos participado até então.

A vontade de ser como eles, usar a farda, executar a marcha em ordem unida, obedecer aos comandos, rapidamente foi tomando conta de nós e, no mesmo dia, nos inscrevemos. Foram tempos incríveis aqueles e, em meio a momentos de estudo da bíblia, lazer e descontração, íamos a cada domingo, adquirindo novas habilidades e conhecimentos.

Aprendemos a fazer trabalhos manuais, acampávamos em média três vezes ao ano recebendo treinamento sobre técnicas de acampamento, instruções de primeiros socorros, cozinha ao ar livre, nós e amarras, orientação na mata, além de trabalharmos outros temas ligados a conhecimentos práticos para sobrevivência.

---

<sup>1</sup> **Voto dos Desbravadores.** In: *Ideais dos Desbravadores* p. 01. Disponível em [www.universododesbravador.com.br](http://www.universododesbravador.com.br) Acesso em Agosto de 2016.

<sup>2</sup> Sigla convencionalmente utilizada para designar o nome da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que será utilizada ao longo do texto.

O trabalho comunitário também fazia parte da rotina. Realizávamos campanhas anuais de arrecadação de roupas e alimentos para os necessitados, além de participarmos das atividades missionárias promovidas pela Igreja local.

Ao longo do período em que participei do Clube de Desbravadores, vivenciei diversas experiências, que influenciaram minha formação na adolescência.

Dentre os discursos apreendidos, vários conceitos pregados pela ideologia adventista passaram a soar para mim enquanto “verdades absolutas”. Essa base ideológica me levou a construir uma crença em que o sentido da história estava associado à ideia de redenção cristã, e o papel atribuído a mim consistia em estar sempre *alerta, vigilante*, agindo como um “*servo de Deus e amigo de todos*” sendo assim útil na missão de cumprir o alvo de levar “a mensagem do advento a todo o mundo em minha geração<sup>3</sup>”.

Os contatos que fiz, os princípios que me foram passados durante este período de formação deixaram marcas que se expressavam na maneira como eu interpretava as coisas. Com o passar do tempo, somadas a outras experiências que tive, produziu-se em mim uma recusa de continuar vivendo sob tais valores, impulsionando-me a questionar essas referências.

Assim, com o conhecimento adquirido ao longo dos anos, aliados às discursões teóricas realizadas desde meu ingresso no curso de História em 2008, fui aos poucos construindo outra visão de mundo, mudança esta que me levou a desconstruir muitos dos dogmas religiosos que carregava, tais discursos me impeliram a observar o universo religioso adventista com certo distanciamento.

Foi um longo percurso até conseguir exercer o “afastamento” necessário para tornar aquela experiência como objeto de pesquisa, passando a construir novas narrativas. Comecei então a “estranhar” o conhecido, considerando-o enquanto uma construção, elaborada em um contexto histórico específico, carregado de interesses e aspectos da sociedade que o fabricara.

O interesse em trazer a cultura adventista como tema a ser debatido à luz da História nasceu como resultado dos diferentes diálogos e leituras realizadas nas disciplinas do curso de História da UFCG, momentos em que os conceitos e métodos

---

<sup>3</sup> Alvo dos Desbravadores. In: *Ideais dos Desbravadores* p. 02. Disponível em [www.universododesbravador.com.br](http://www.universododesbravador.com.br) Acesso em Agosto de 2016.



utilizados pela disciplina, me fizeram rever alguns posicionamentos, que eram, frutos da minha formação cristã.

Sendo assim, após ter realizado um trabalho de monografia que versava sobre o cristianismo no contexto romano, analisando os elementos fomentadores de uma identidade cristã a partir da escrita de Tertuliano (séc. II)<sup>4</sup>, vislumbrei, na elaboração do projeto de mestrado, aliar os conhecimentos obtidos na graduação sobre a religião cristã, a toda bagagem doutrinária adquirida durante o período em que fiz parte da Igreja Adventista.

Esbocei os passos iniciais desde o projeto de pesquisa, na intenção de contribuir para a análise dos diferentes mecanismos de consolidação da identidade cristã adventista na contemporaneidade. Daí em diante, ao analisar a IASD sob uma nova orientação, as releituras que fiz das obras de Ellen G. White, co-fundadora da igreja, me conduziram ao recorte que elegi como tema deste trabalho, que se pautou na tentativa de focalizar a disciplina proposta pelas lideranças adventistas, especificamente as que tinham como alvo a infância e a adolescência.

Dentre os mais diversos trabalhos que trazem os adventistas como tema destacam-se as pesquisas de Ismael Fuckner (2012) que, analisa as práticas alimentares dos adventistas enquanto uma marca identitária do grupo, tendo como espaço de pesquisa o estado do Pará. Menciono também as importantes contribuições do historiador Haller Schunemann (2011), que realizou pesquisas sobre o surgimento da IASD no Brasil, desenvolvendo em sua tese de doutorado, uma análise sobre a cosmovisão adventista acerca do tempo do fim, trabalhando também em outras produções, com aspectos mais populares da cultura adventista como a guarda do sábado, o regime alimentar, o sistema de ensino adventista entre outros temas<sup>5</sup>.

Com base nas leituras que fiz, comecei a pensar na formulação desse estudo em agosto de 2014. O meu objetivo, a princípio, era abordar os escritos de Ellen White a partir da análise de sua teoria do tempo do fim, uma vez que esta crença está na base da

---

<sup>4</sup> Monografia intitulada: “*Ressignificações Cristãs dos valores e práticas romanas na escrita de Tertuliano*”. Defendida em 2013, para obtenção do título de Bacharel em História pela UFCG, sob orientação da Profa. Dra. Marinalva Vilar de Lima.

<sup>5</sup> SHUNEMANN, Haller E. S. **O Tempo do Fim: uma história social da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil**. São Bernardo do Campo, UMESP, 2002. [Tese de doutorado]

\_\_\_\_\_ **A inserção do Adventismo no Brasil através da comunidade alemã**. Revista de Estudos da Religião Nº 1/2003/ pp. 27-49 ISSN 1.77-1222.

\_\_\_\_\_ **O Papel das imigrações da Igreja Adventista do Sétimo dia**. Revista Estudos da Religião Vol. 23, Nº 37, pp. 146-170, Jul/dez 2009.

doutrina adventista. A ideia de fim do mundo e a espera da segunda vinda de Cristo à Terra, trabalhada nas obras de White, foi o pilar do surgimento da IASD e desde então, a necessidade de expansão dessa mensagem de redenção impulsionou a igreja a crescer e se desenvolver, direcionando suas ações em prol desse proselitismo que ao longo dos anos foi praticado das mais variadas formas.

Esquadrinhar esses mecanismos de divulgação da mensagem adventista me levou a perceber a criação de seu sistema de ensino como um dos principais veículos utilizados. Como fiz parte desse sistema, atuando como professora de História da Escola Adventista de Campina Grande/PB no período de 2009 a 2011 senti na prática esta associação entre fé em ensino.

A articulação entre doutrina e educação presentes nos conteúdos pedagógicos, bem como nas atividades extraclasses que eram realizadas na igreja, pelo fato da escola ser paroquial<sup>6</sup>, me levaram a naturalizar a prática do ensino fundamentalista. No período em que participei como docente não conseguia interpretar tal exercício como uma estratégia de doutrinação. Só posteriormente, quando decidi me desligar da instituição e, de adquirir uma bagagem teórica científica mais aprofundada do assunto, fui começando a problematizar tais associações, enxergando-as para além da formação ideológica adventista.

Ao realizar um levantamento bibliográfico sobre o sistema educacional adventista, constatei que este tema é amplamente tratado no meio acadêmico, principalmente por pesquisadores de áreas ligadas à docência, os quais analisam a filosofia educacional adventista e seus diferentes aspectos, inclusive por ser este um dos mais expressivos sistemas de educação confessional protestante do país. De acordo com Shunemann: “a rede adventista de educação representa um pouco mais da metade das escolas protestantes existentes no Brasil; (2) ela é a mais forte no nível básico de educação, e (3) a IASD, como já foi dito, é o grupo religioso fundamentalista no Brasil, com maior controle ideológico sobre a difusão da informação internamente” SHUNEMANN 2009, p3).

Assim, entre os trabalhos publicados no Brasil, encontrei vários artigos, monografias, dissertações e teses que abordam temas tais como: a chegada do

---

<sup>6</sup> “Basicamente encontramos dois tipos de escolas adventistas: as paroquiais e os internatos. Estes estão ligados mais fortemente à preparação da liderança eclesiástica, enquanto aquelas tinham o objetivo de fortalecer a membresia”. (SHUNEMANN, 2009, p. 2).

adventismo no país e a organização de suas primeiras escolas, o aspecto fundamentalista da educação adventista, alguns trabalhos que abordam também os elementos históricos que fomentaram o desenvolvimento de tais diretrizes educacionais adventistas tanto para a educação básica quanto superior, dentre outros temas.

No tocante ao recorte temático da dissertação, verifiquei que não existem no Brasil pesquisas que tragam especificamente as práticas pedagógicas na educação não formal<sup>7</sup>, desenvolvidas pela IASD dentro do Clube de Desbravadores, enquanto objeto de estudo. Os poucos trabalhos acadêmicos que tratam dos desbravadores resumem-se a citá-los enquanto uma ramificação cristianizada do Clube de Escoteiros, sem sequer considerar as diversas implicações que estão na base da origem desta instituição.

A existência desta lacuna motivou-me a trabalhar acerca dos mecanismos de controle da Igreja Adventista do Sétimo Dia, através das premissas disciplinares elaboradas para o *Clube de Desbravadores*, a fim de estabelecer seus preceitos, transformando o Clube em uma instituição normatizadora que fabrica indivíduos dóceis e úteis na missão do advento.

A possibilidade de trabalhar o Clube de Desbravadores como objeto de pesquisa, surgiu por este ser um programa que, foi criado como alternativa de divertimento e instrução para os filhos dos adventistas, pelo fato da igreja possuir uma doutrina rígida e defender a rejeição a todos os divertimentos e associações *mundanas*. A IASD então desenvolveu este departamento visando entreter e ao mesmo tempo treinar e disciplinar as crianças, na tentativa de moldá-las de acordo com os seus interesses.

Assim, esta escrita resulta do interesse em compreender aquilo que entendo como sendo a elaboração de representações identitárias do, e para o povo adventista, a partir da *fabricação do desbravador* enquanto o *adventista por excelência*, representação esta fomentada desde a infância por meio dos mecanismos de ensino e doutrinação empregados pela IASD.

Para explicar brevemente o funcionamento deste programa, podemos dizer que em termos gerais, o *Clube de Desbravadores* tem suas regras estruturadas da seguinte forma: para ser um *desbravador* o aspirante deve ter entre 10 e 15 anos, estar

---

<sup>7</sup> Com relação à educação não formal, seguimos a definição dada por Gonh (2006) que coloca a educação não-formal como aquela que acontece “fora do ambiente das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais” (p.29), condição que a difere da educação informal no qual, o processo de ensino e aprendizagem se dá no campo das experiências cotidianas, de forma espontânea a exemplo das relações pessoais, família, amigos, etc, bem como da formal que ocorre de forma sistematizada, a partir de um currículo pré-estabelecido, para o ensino das matérias elementares.

devidamente matriculado em um clube, aceitar os preceitos descritos no voto e na lei dos desbravadores e, no caso de crianças não adventistas, estas podem fazer parte desde que aceitem seguir todos os requisitos descritos nos ideais do clube.

O Clube tem como proposta, o desenvolvimento do desbravador, por meio da inculcação de um sistema de valores que prioriza a *honra* com o objetivo de “imprimir um desenvolvimento harmonioso da vida física, social, intelectual e espiritual dos desbravadores”<sup>8</sup>. Esse projeto já está presente em mais de 167 países, com aproximadamente 100.000 clubes, e mais de dois milhões de participantes em todo o mundo (MISSÃO NORDESTE, 2012).

Entre seus ideais está a missão de pregação do evangelho a fim de apressar a segunda volta de Jesus. O Clube realiza atividades ligadas ao estudo da Bíblia, das doutrinas adventistas, promovem ações missionárias, os jovens aprendem também sobre questões ligadas ao cotidiano tais como: *boas maneiras*, regras de higiene, saúde e, *habilidades domésticas*.

As classes de treinamento do clube são organizadas por faixa etária, e em cada uma delas, o desbravador deve cumprir uma série de requisitos, além de ter aulas e realizar provas teóricas e práticas acerca da doutrina ou de questões ligadas a áreas técnicas.

Os desbravadores recebem orientações sobre ética, asseio e cortesia, civismo, realizam atividades ao ar livre, nas quais aprendem técnicas de acampamento, observação, sobrevivência, artes manuais, e atividades que estimulam o trabalho em equipe, com o objetivo de através do treinamento, fazer com que o jovem assuma responsabilidades, tornando-se um exemplo de cristão e de cidadão, sendo *fraterno, leal, responsável e disciplinado*.

O ensino praticado no clube de desbravadores consiste em um eficiente condutor da educação pretendida pela instituição adventista. Um dos rastros seguidos nesta pesquisa foi observar o papel desta modalidade de ensino, analisando suas práticas pedagógicas, materiais didáticos, além do uso de símbolos e rituais utilizados por eles no processo de construção de identidades para as crianças desbravadoras.

O ensino institucional como forma de modelar o indivíduo ganha força, sobretudo com a modernidade, sendo utilizado pela igreja adventista como forma de

---

<sup>8</sup>Manual de Especialidades (2013: 11-12)

Disponível em: [www.universododesbravador.com.br](http://www.universododesbravador.com.br). Acessado em: 23 de Agosto de 2014.

dominação do pensamento, através de seu programa educacional. A IASD assim almeja à preparação do indivíduo aqui na Terra para vivenciar um mundo de recompensas e glórias futuras mediante a crença na escatologia e redenção da humanidade pregada pela bíblia e profetizada por Ellen White.

A análise do currículo e do material pedagógico nos permitiu perscrutar as intenções e táticas utilizadas pelo clube para atingir o ideal de transformar as crianças e adolescentes em *adventistas por excelência*, indivíduos que trazem em sua conduta, em sua mentalidade e em seus gestos corporais, as marcas de identidade de um *adventista completo*.

Além dos manuais pedagógicos, as reuniões aos finais de semana, os acampamentos semestrais, todos os esforços são concentrados no intuito de treinar a criança, tornando-as leais aos ideais do clube e futuros líderes da organização. Desde a infância eles são preparados para ocuparem os diferentes cargos na diretoria do clube, constituindo assim uma formação para toda a vida.

O Clube de desbravadores então exerce uma metodologia que resulta da combinação de atividades ao ar livre, recreação e doutrinação ideológica que busca traduzir suas crenças de forma interativa para os mais novos. É através de reuniões semanais e de acampamentos que os saberes tanto espirituais como práticos desenvolvidos pelo clube são ensinados.

Na imagem a seguir sou a primeira pessoa à esquerda. A experiência registrada na fotografia trata-se de um *acampamento de sobrevivência para líderes*, realizado na cidade de Queimadas/PB no mês de junho de 2008.

Neste acampamento de treinamento de líderes de desbravadores promovido pela 7ª região<sup>9</sup> participaram líderes de clubes de diferentes cidades do estado da Paraíba, com o objetivo de desenvolver atividades ligadas à sobrevivência na mata, além de cumprir requisitos previstos no cartão de atividades para a liderança.

---

<sup>9</sup> Secretaria regional que coordenava os clubes de desbravadores da cidade de Campina Grande /PB, em 2016 devido à expansão dos clubes no estado, foi criadas outras secretarias e atualmente os clubes que faziam parte da 7ª agora são coordenados pela 3ª região distrital de desbravadores.



**Figura 1: Acampamento de Sobrevivência para líderes de Desbravadores 2008 – Fonte: Arquivo pessoal**

Nesta ocasião, fomos fotografados, pois, tínhamos sido a unidade a conquistar o primeiro lugar dentre todas as equipes participantes, obtendo pontuação máxima na maioria das atividades que consistiram em: construir nosso abrigo apenas com lonas e cordas, criar nossa cozinha e instrumentos, fazer móveis de acampamento com madeiras e amarras, realizar atividades de resistência física e habilidades para sobrevivência na mata, além de realizar provas bíblicas e doutrinárias.

Na foto é possível observar o fardamento de atividades campais do clube, que consiste em boné, blusa, lenço, calça jeans, cinto e tênis. O fato de um dos líderes retratados na imagem estar segurando um facão e outro a Bíblia releva como neste programa, o desenvolvimento de atividades corporais e de exploração da natureza, bem como o estudo da Bíblia e das questões doutrinárias da Igreja Adventista estão fortemente relacionados.

Podemos perceber na fotografia acima, elementos simbólicos presentes no clube de desbravadores, dentre os quais os que revelam a identidade almejada pelo programa

tais como, a indumentária, os emblemas, os signos identitários que analisaremos mais adiante.

Ao participar de acampamentos e a realizar atividades como estas, o indivíduo é instruído a desenvolver habilidades consideradas indispensáveis, sendo condicionado através delas para serem *úteis e disciplinados*.

No tempo em que participei do clube, sempre indaguei acerca da finalidade dos treinamentos, me questionando o porquê de nos acampamentos dos desbravadores e até mesmo em alguns retiros espirituais da Igreja Adventista, a programação quase sempre incluir a realização de pernoites, trilhas e longas caminhadas noturnas em terrenos de difícil acesso. Perguntava para que eram realizadas vigílias de oração até mesmo com as crianças e qual o objetivo em relacionar a prática de atividades corporais a uma exortação para adoção de um estilo de uma vida saudável e a prática de uma dieta natural e vegetariana.

Ao refletir sobre tais questões, tinha a sensação de que as crianças estavam sendo preparadas para assumirem uma postura semelhante à de um soldado. A prática desses acampamentos, os exercícios físicos, o exercício da ordem unida, tudo contribuía para essa interpretação. Durante o curso de formação de liderança do clube, aprendi que *era para o exército da salvação que as crianças estavam sendo treinadas, para atuarem contra as forças espirituais do mal, por meio de uma conduta disciplinada e da pregação do evangelho a todo mundo*. Desta forma, o clube seria o espaço inicial para a impregnação do compromisso das crianças na obra de salvação da humanidade.

Porém, ao me aprofundar no estudo da instituição percebi que havia muito mais do que proselitismo na prática dos desbravadores. Uma vez que a igreja definiu os objetivos da educação adventista, foi necessário determinar os meios para executá-la de maneira mais abrangente através de uma nova prática pedagógica que se organizou seguindo a esteira das práticas educativas modernas, correspondentes ao período no qual o clube de desbravadores foi criado.

No início do século XX, um movimento educacional informal desenvolvido na Inglaterra, o movimento escotista idealizado por Baden-Powell, apareceu como um eixo norteador, uma possibilidade de associar os princípios de educação espiritual, moral e física da doutrina adventista à ideia de desenvolvimento integral, ativo pregado pelo escotismo, criando com isso, um sistema socialmente desejado de docilização de crianças e adolescentes.

O regime militarista existente na metodologia escoteira foi incorporado nos aparatos disciplinares exercidos pelo clube, referente ao controle do tempo, ao respeito e obediência à hierarquia, às atividades corporais, ou seja, no uso da disciplina para modelar os corpos, fabricá-los enquanto soldados, que tem *postura, atitude, virilidade, resistência, coordenação, excelência e precisão* na execução de suas atividades, sendo estes alguns dos aspectos da formação oferecida pelos Clubes de Desbravadores.

Para a análise de tais pontos, este trabalho foi estruturado da seguinte forma: num primeiro momento do texto, busquei problematizar as apropriações da Igreja Adventista, dos elementos culturais, mediatizados pelos escritos de Ellen White, as quais resultaram na elaboração do Clube de Desbravadores, programa que se apropria da metodologia desenvolvida pelos clubes de escoteiros, ambos criados com base no projeto higienizador do século XIX e XX, a fim de imprimir em seus integrantes os elementos formadores de uma identidade adventista e de modelos de infância e adolescência *heroicas*.

No segundo capítulo, aprofundo o debate acerca da estrutura de funcionamento do clube, bem como o processo de militarização da infância e instrumentalização dos corpos infantis, na tentativa de produzir corpos *fortes e dóceis* apropriados para a missão do evangelho, analisando os símbolos, as práticas, os mecanismos de referência e de representação que visam promover a *disciplina* e o sentimento de pertencimento do (a) desbravador(a).

Analiso também como as práticas de disciplina do corpo, exercidas pelo Clube de Desbravadores são uma maneira de promover a *docilização* e o *adestramento* do indivíduo preparando-o para o contexto de perseguições profetizadas por White para o *tempo do fim*, caracterizando o desbravador enquanto a representação do *adventista ideal*, que serve de exemplo e tem um papel fundamental *na obra de salvação dos últimos dias*. A narrativa escatológica elaborada por Ellen White torna-se o eixo articulador que confere sentido ao surgimento da Igreja Adventista, e à criação do Clube de Desbravadores que se configura em um processo intensivo de socialização em que se pretende que os participantes adquiram regras de conduta adventista, objetivando a preparação de seus fiéis para o *advento*.

Seguem-se as considerações finais e a lista de fontes e referências utilizadas no trabalho.



## CAPÍTULO I

### Do “*Sempre Alerta*” ao “*Maranata*”: apropriações adventistas do escotismo de Baden-Powell.

Temos hoje, um exército de jovens que podem fazer muito se forem devidamente encorajados e dirigidos. Queremos que nossos filhos creiam na verdade. Desejamos que sejam abençoados por Deus. Queremos que desempenhem uma parte em planos bem organizados para ajudar outros jovens. Sejam todos tão bem preparados que possam representar devidamente a verdade, dando razão da esperança que neles há e reconhecendo a Deus em todo ramo da obra no qual estejam qualificados para trabalhar.

*(Daily Bulletin of The General Conference, 1893,p.4)*

**Ellen G. White**

## CAPÍTULO I: DO “SEMPRE ALERTA” AO “MARANATA”: APROPRIAÇÕES ADVENTISTAS DO ESCOTISMO DE BADEN-POWELL<sup>10</sup>.

### 1.1 Desbravadores: a história que “nasceu” no coração de Deus<sup>11</sup>

Para que seja efetuada uma mudança permanente para melhor na sociedade, a educação das pessoas deve começar no início da vida. Os hábitos formados na infância e juventude, os gostos adquiridos, o domínio de si mesmo conquistado, os princípios infundidos desde o berço, determinam quase com segurança o futuro do homem e da mulher. O crime e a corrupção produzidos pela intemperança e frouxidão moral devem ser evitados pela devida educação da juventude. Durante a juventude, especialmente, é a melhor ocasião para acumular conhecimentos que serão usados diariamente através da vida. É o tempo de estabelecer bons hábitos, de corrigir os maus já adquiridos, de conquistar e manter o poder do domínio de si mesmo, estabelecer um plano e habituar-se a prática de ordenar todos os atos da vida com relação à vontade divina e ao bem de nossos semelhantes. (WHITE, 2004, p. 233-234).

Desde o início de seu ministério, a questão da educação, bem como o trato com as crianças e adolescentes foi um dos temas principais abordados nas obras de Ellen White, como podemos ver na citação acima. A necessidade de direcionar a atenção para a educação de crianças e jovens sempre foi uma constante em seus escritos, pois, de acordo com ela, a infância consiste no período ideal para exercer uma influência no caráter e na personalidade do indivíduo uma vez que, é na fase de formação que os valores são incorporados e tornam-se referência de conduta por toda a vida.

Em seus livros, Ellen White, relacionando a salvação eterna a aspectos práticos, abordou a necessidade de doutrinar as crianças, colocando a igreja e a família enquanto responsáveis por transmitir esses princípios, incorporando em seus costumes, a prática de valores cristãos, bem como os cuidados com o corpo na tentativa de corrigir os maus hábitos e assim, potencializar a saúde espiritual, física e mental dos membros da igreja.

---

<sup>10</sup> *Sempre Alerta*: Saudação Escoteira e também o lema do clube de escoteiros que significa está sempre preparado para ajudar o próximo. Já a saudação *Maranata* é utilizada pelo Clube de Desbravadores, significando os 4 A's da palavra: *Amar, Anunciar, Aguardar e Apressar* a vinda de Jesus.

<sup>11</sup> Título inspirado da apostila elaborada pela Missão Nordeste 10ª região da Igreja Adventista, publicada pela igreja adventista a fim de instruir os desbravadores sobre o processo histórico de criação do Clube. Esta frase demonstra o caráter religioso do clube, pois, o programa não é definido como uma mera apropriação do método dos clubes de escoteiros, mas sim, *como um plano elaborado por Deus para a evangelização da juventude*.

A difusão de tais princípios tornou-se uma questão central para a IASD nas décadas iniciais de sua organização que contribuiu para o desenvolvimento de um sistema de publicações tanto para divulgar sua mensagem, como para oferecer suporte e orientação às novas igrejas que surgiam em diferentes cidades e países. Panfletos, livros, revistas, cartas em sua maioria escritas por White, foram utilizados como veículos de propaganda e divulgação dos preceitos adventistas.

Apesar de direcionar vários materiais sobre orientação acerca dos cuidados com as crianças, no período de formação da igreja não existia ainda nenhum material de doutrinação adaptado para que fosse utilizado diretamente pelas crianças e jovens. Na tentativa de atender a esse público, em 1852, James White (1821-1881), esposo de Ellen White produziu o primeiro material da igreja destinado a jovens. *The Youth's Instructor* (O Instrutor da Juventude) era um conjunto de lições e histórias para ser contadas na chamada: *Escola Sabatina*<sup>12</sup>, o primeiro departamento oficialmente organizado da igreja.

A partir desta iniciativa, a preocupação em adaptar os conhecimentos doutrinários em uma linguagem própria para a juventude foi tomando espaço, e então, outros programas foram criados; associações de jovens foram sendo formadas em diferentes estados até que em 1907 eles fundaram o departamento jovem, denominado na época de "*Departamento dos Missionários Voluntários dos Jovens Adventistas do Sétimo Dia*". (MISSÃO NORDESTE, 2012: 2).

Como as atividades dos MV<sup>13</sup> eram especificamente missionárias, e destinadas a pessoas maiores de 14 anos, muitos juvenis passaram a frequentar alguns clubes de escoteiros, organizações que a partir de 1910 ganharam força nos Estados Unidos, proporcionando diversão instrução, disciplina e entretenimento para crianças.

Os acampamentos e atividades propostas pelo programa dos escoteiros foram aos poucos conquistando espaços. Com o tempo, crianças de diferentes países passaram a aderir ao programa e, dentre elas, os filhos de pais adventistas dos Estados Unidos, que, pelo fato da igreja não possuir nenhuma atividade recreativa, acabavam buscando alternativa de divertimento fora dela, o que chamou a atenção das lideranças da igreja a fim de pensar em soluções que resolvessem tal situação.

---

<sup>12</sup> Estudo da Bíblia que é feito todos os sábados nos cultos da Igreja Adventista.

<sup>13</sup> Missionários Voluntários.

Por volta desse tempo a igreja temendo que um acampamento de verão não adventista pudesse trazer uma influência negativa sobre os jovens adventistas, organizou seus próprios acampamentos de verão. O primeiro foi organizado na cidade de Lina Lake, Michigan, em 1926. A Sociedade dos Missionários Voluntários se reunia aos sábados avaliando as atividades mais próprias para este dia. Raramente planejavam atividades seculares, exceto sociais para o sábado à noite na Igreja ou uma excursão ocasional, assim como hoje os jovens daquela época também gostavam de sair no sábado à noite (MISSÃO NORDESTE, 2012, p. 4).

Apesar de o escotismo ter como um de seus princípios o respeito a Deus e a Bíblia, os adventistas não aprovavam a participação de seus jovens nele pelo fato do mesmo estimular algumas formas de divertimento que *não condiziam com os valores adventistas*, como as atividades no sábado, as idas ao cinema e ao teatro, a valorização da cultura popular dentre outras práticas consideradas *seculares e pecaminosas* pelos adventistas.

O Programa Missionário Voluntário que foi adotado na Conferência Geral em 1907 era basicamente espiritual e, satisfazia somente parcialmente as necessidades dos jovens. Alguns meninos adventistas desejaram unir-se aos escoteiros que se estabeleceram em 1910, mas enfrentaram problemas já que as atividades dos escoteiros conflitavam com as crenças e práticas adventistas, incluindo o culto do sábado, ida ao cinema, as danças, a dieta e atividades missionárias. (Ibidem, 2012, p.03).

Diante disto, os adventistas reconheceram, o desafio de passar para as crianças e juvenis, de forma didática e atrativa, sua doutrina e o gosto pelo estudo da Bíblia, em alternativa ao programa de Escoteiros que se estabelecia e conquistava mais adeptos em diferentes países a exemplo do Brasil.

O Escotismo, organizado pelo ex-general inglês Robert Sterphenson Smyth Baden-Powell (1857-1941) em 1907 na Inglaterra, foi um movimento idealizado, a princípio para rapazes, em resposta a uma crise moral e física que segundo ele, era causada pela *expansão da vida urbana, aliada ao comodismo causado pela implantação da tecnologia, fruto da modernidade*. As facilidades e o comodismo advindos da tecnologia contribuía, na visão dele para o enfraquecimento da saúde física dos jovens, provocando assim, uma diminuição do vigor e da virilidade, fazendo-se necessário a criação de alternativas para o *aprimoramento físico, moral e intelectual da juventude*.

Para isto, ele passou a realizar acampamentos com os adolescentes e a escrever um fascículo publicado quinzenalmente contendo instruções sobre assuntos diversos

ligados à natureza, a sobrevivência na mata, civismo e moral. Este material foi reunido e publicado em um livro traduzido para o português com o título: *Escotismo para Rapazes*<sup>14</sup>, o qual até hoje serve de manual para o funcionamento e organização do grupo em todo o mundo.

De acordo com Baden-Powell, a educação deveria ser reformulada a partir de uma pedagogia do civismo, dando ênfase à educação do corpo. Assim, ele desenvolveu um plano de formação extraescolar, baseado em quatro pilares principais, sendo eles: o desenvolvimento do caráter, da saúde física, além do estímulo da realização de trabalhos manuais e serviços comunitários, visando com isso promover *o desenvolvimento integral do escoteiro* conforme representado na imagem a seguir:



Figura 2: Esferas de desenvolvimento do escoteiro. Fonte: HORN & GAY, 2015.

O programa dos escoteiros ganhou visibilidade no Brasil e nos demais países principalmente pelo fato de se apresentar enquanto uma alternativa para *regenerar o caráter e a saúde física e mental das crianças*, através dos trabalhos manuais, das atividades ao ar livre junto à natureza, visando reverter à degeneração causada pela vida moderna, objetivo almejado também pelo estado, na tentativa de ter uma geração de crianças dinâmicas e saudáveis.

<sup>14</sup> Em 1907, amalgamando sua experiência militar com o conhecimento de outros grupos existentes, Baden-Powell fundou o escotismo. Em 1908 ele publicou *Scouting for Boys*, que se tornou um dos primeiros sucessos editoriais do século XX (ROSENTHAL, 1986), estimulando uma expansão que tocou variados países com bases políticas, culturais e religiosas muito diferentes entre si. (HEROLD E VAZ, 2012, p.05).

De acordo Herold Jr (2011), a questão da higienização da infância era o quesito mais almejado pelos defensores do escotismo, uma vez que os jogos, os exercícios, o corpo ativo, tudo isso coadunava com o projeto higienizador do século XX. Desde meados do século XIX, a educação liberal começou a tomar forma, com a criação da escola universal, laica, e também com o surgimento da educação física como disciplina do currículo formal.

A partir desta concepção, as práticas corporais passaram a receber atenção por parte dos educadores, que vislumbraram na educação física bem como no escotismo um caminho possível para a educação dos corpos enquanto prática pedagógica para as escolas públicas, pretendendo promover com isso, um *desenvolvimento harmonioso das esferas moral, intelectual e física do aluno* (HEROLD JR. 2011).

A Educação Física e sua aproximação com as ciências biológicas são tidas como um indício de que os professores do século XIX pensavam essa disciplina a partir de princípios físicos, médico-higienistas, vendo nos cuidados com o corpo uma maneira de instrumentalizá-lo para fins econômicos e políticos conservadores. (NASCIMENTO, *apud* HEROLD JR, 2011).

Assim, através da racionalização da ginástica, os educadores justificavam a importância da disciplina de Educação física, concebida como um meio de solucionar problemas sociais como os descritos acima, visão também defendida pela igreja adventista ao apontar o exercício físico, bem como, os trabalhos manuais enquanto um método educativo para tornar o corpo da criança saudável e útil para o trabalho conforme defendido por White nos seguintes termos:

Despertando-se desta maneira o interesse do estudante, e sendo ele levado a ver a importância da cultura física, muito poderá ser feito pelo professor para conseguir o desenvolvimento conveniente e hábitos corretos. (...) O ensino manual merece muito mais atenção do que tem recebido. Devem-se estabelecer escolas que, em acréscimo a mais elevada cultura intelectual e moral, provejam as melhores possibilidades para o desenvolvimento físico e educação industrial. (WHITE, 2008, p. 198-218).

Ao alinhar-se à ideia de que era necessário exercer um controle das crianças por meio do ensino, bem como destacar o papel do professor em estimular o desenvolvimento das potencialidades dos alunos através do trabalho manual, foi que a IASD passou a pensar na criação de um programa que atendesse a esse propósito. Desta forma, o Departamento dos *Jovens Missionários Voluntários*, então, resolveu, mesmo

temendo a influência externa do escotismo, adotar gradualmente algumas de suas atividades e símbolos. (MISSÃO NORDESTE, 2012).

Dentre os elementos desenvolvidos para a consolidação do método escoteiro, podemos citar o uso de uniformes para atividades ao ar livre e para eventos oficiais, a criação de saudações, gritos de guerra, hinos, comandos de ordem unida, símbolos, emblemas, bandeiras, todo um conjunto de representações visuais e gestuais com o objetivo de divulgar e ao mesmo tempo conferir uma identidade para este grupo.

Estes símbolos e esquemas de representação atraíram a atenção das crianças e adultos em todo o mundo, fato que se confirma pela velocidade com que o escotismo se espalhou pelo ocidente. As possibilidades de pedagogização bem como o sentimento de pertença que o escotismo proporcionava fez com que diferentes instituições, como escolas e igrejas, se espelhassem em seu sistema de ensino, desenvolvendo a partir daí, programas de entretenimento e educação para seus jovens.

Desse modo, influenciado pelo sucesso do escotismo no começo do século XX nos Estados Unidos, Arthur Spalding (Tennessee, EUA), em 1919 desenvolve um programa similar ao dos escoteiros na igreja adventista, fazendo uma revisão, adaptando os ideais do escotismo e formulando novas diretrizes para crianças, adolescentes e jovens adventistas. Spalding iniciou um clube chamado: *Escoteiros Missionários*, após seu filho ter participado de um acampamento com escoteiros naquele mesmo ano. (Ibidem, 2012).

Os adventistas foram se apropriando e adaptando os conteúdos do escotismo de acordo com seus princípios, até que em 1928, eles obtiveram, através de seu secretário Lester Bond, a permissão da liderança dos escoteiros nos Estados Unidos para usar algumas ideias e materiais para preparar um guia de treinamento, incorporando ideais dos escoteiros aos materiais do programa dos Missionários Voluntários Juvenis. (Ibidem, 2012).

Logo depois foram organizadas as Classes Progressivas, as Especialidades e realizados acampamentos, combinando o escotismo com as recomendações de White para promover o treinamento físico, mental e técnico para seus integrantes.

Com o tempo, o programa foi ganhando notoriedade, vários clubes foram surgindo em diferentes igrejas adventistas dos Estados Unidos até que em 1947, em uma conferência geral da igreja, houve a proposta de desenvolvimento e adoção de um programa unificado para o clube, que foi oficializado pela comissão da Associação

Geral em 24 de Agosto de 1950<sup>15</sup>, sendo reconhecido enquanto um programa para crianças e adolescentes, nomeado de *Panther Club*<sup>16</sup>.

No Brasil, a cronologia de todo o processo de instalação e desenvolvimento do clube de desbravadores é de difícil montagem devido à falta de registros e materiais que comprovem todas as narrativas concernentes ao período. Isto ocorreu pelo fato de que a implementação dos clubes a princípio se deu de forma local e isolada, sendo fruto do contato de alguns líderes e pastores da igreja, que, ao participarem de eventos e acampamentos em outros países a exemplo do Peru e os Estados Unidos, retornaram as suas igrejas com a ideia de organizar o programa em suas regiões.

Grande parte do que se tem registrado, foi fruto do trabalho do Departamento de Desbravadores da Associação Geral (DDAG), que por meio da pesquisa e da coleta de depoimentos e entrevistas, organizou um relatório para servir de base para instrução dos desbravadores sobre a história do clube no país.

Segundo Claudinei Candido da Silva, pesquisador do DDAG, a oficialização do primeiro clube de desbravadores aqui no Brasil, ocorreu através do pastor Wilson Sarli, que em 1961 participou de um congresso adventista no Chile, onde assistiu a apresentação de um Clube de Desbravadores. Ao retornar ao Brasil, Sarli trouxe consigo todo o material necessário para abertura de um clube e assim, foi repassando a ideia para outros pastores que se movimentaram para organizar clubes de desbravadores em suas igrejas. Desse modo, os primeiros estados a organizarem clubes no Brasil foram Santa Catarina (1960) Rio de Janeiro (1960) e São Paulo (1961), formando as células iniciais do programa no país. Segundo Silva:

O primeiro Clube oficial na América do Sul foi o Clube Conquistadores de *La Iglesia*, da Igreja de Miraflores no Peru, inaugurado oficialmente por um Pastor, em 1961 que na semana seguinte esteve em Ribeirão Preto, inaugurando o primeiro Clube Brasileiro, que fora organizado pelo Pr. Wilson Sarli, sendo seu primeiro diretor Edgar Tursílio. Na outra semana, este mesmo Pastor esteve no Rio de Janeiro oficializando o Clube organizado pelo Pr. Cláudio Belz. Logo a seguir organizou-se o Clube de Desbravadores

---

<sup>15</sup> Antes da oficialização, alguns clubes funcionavam em âmbito local, passando a ser um programa oficial adotado pela Associação Geral Adventista apenas em 1950. Até acontecer esta aceitação, houve muita resistência por parte da organização geral que acusava os pastores e diretores de clubes de estarem *trazendo o mundo pra dentro da igreja*, realizando atividades seculares com os juvenis. O Clube de Escoteiros até chegou a convidar o clube adventista a se integrar a eles em 1949, porém, a IASD não aceitou a proposta. A partir daí os líderes dos desbravadores voltaram-se para a expansão do programa e para a elaboração de matérias para eles, unindo os conteúdos do escotismo às doutrinas adventistas. (MISSÃO NORDESTE, 2012).

<sup>16</sup> O nome do programa fora traduzido para o português como Clube de Desbravadores.



da Igreja do Capão Redondo, tendo como seu diretor o Pr. Joel Sarli. Atualmente o Clube de Desbravadores é um dos Departamentos fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e tem como objetivo principal prover atividades educacionais e recreativas aos membros da igreja e da comunidade.

(*História dos Desbravadores*. disponível em: [www.universododesbravador.com.br](http://www.universododesbravador.com.br). Acessado em: abril de 2016).

Esses clubes organizados nas décadas de 1960 e 1970, não possuíam um material organizado e foram aos poucos, traduzindo os materiais e adaptando-os as especificidades do Brasil. Com o tempo o Clube foi organizando-se enquanto instituição e hoje possuem mais de 100 mil desbravadores e mais de 3.000 clubes no Brasil, de acordo com dados da organização geral.

Desta forma, na busca pelo desenvolvimento da força, saúde, e boa forma de suas crianças, a Igreja Adventista passou a incentivar a abertura de clubes de desbravadores em diferentes partes do mundo, objetivando promover o crescimento integral dos infantes.

Constatamos, portanto, que a elaboração do Clube de Desbravadores consistiu numa estratégia de doutrinação, na qual, os princípios educacionais desenvolvidos pelos escoteiros foram aliados aos ensinamentos de Ellen White. Tal metodologia foi considerada uma *inspiração divina* pelos adventistas, mas na realidade, seguiu totalmente alinhada aos passos traçados pelo sistema europeu e estadunidense de educação do período vigente.

## 1.2 Ellen White e as prescrições adventistas para a educação.

Antes de prosseguirmos na análise dos materiais pedagógicos utilizados pelo clube de desbravadores é necessário entendermos um pouco mais sobre os principais pontos da filosofia educacional adventista, bem como o contexto histórico em que tais parâmetros foram elaborados.

Deste modo, neste tópico, analisamos como o projeto de *desenvolvimento holístico* defendido por Ellen White serviu de base para a elaboração de um sistema de regras e conceitos que direcionam o exercício da educação adventista bem como das atividades realizadas no Clube de Desbravadores. De acordo com White:

Há um tempo para instruir as crianças, e um tempo para educar os jovens; e é essencial que mestres façam essa obra, devem eles próprios compreender “o caminho” em que a criança deve andar. Isto abrange mais que mero conhecimento de livros. Envolve tudo quanto é bom, virtuoso, justo e santo. Compreende a prática da temperança, da piedade, bondade fraternal, e amor para com Deus e de uns para com os outros. A fim de atingir esse objetivo, é preciso dar atenção à educação física, mental, moral e religiosa da criança (WHITE, 2007, p. 2).

Em sua teoria educacional, Ellen White aborda o ensino enquanto uma oportunidade de realizar um resgate moral e um desenvolvimento integral das crianças e adolescentes, na tentativa de conduzi-los na formação de um caráter cristão.

Deste modo, ao pensarmos o espaço da educação adventista, vemos como ao longo de seu ministério Ellen White idealizou a criação de escolas, institutos e internatos que servissem de centros disseminadores da mensagem adventista, como também elaborou verdadeiros manuais com conselhos sobre educação aos pais, professores, à sociedade, fundando centros de ensino em diferentes países.

Porém, ao considerarmos o contexto em que se deu o surgimento da IASD, bem como o período em que White escreveu seus princípios para a educação, percebemos que seu método fora uma resposta no campo religioso frente a crescente modernização que ocorria nos Estados Unidos na segunda metade do século XIX.

A modernidade exigia não apenas reformas estruturais, urbanas, mais desenhava também uma nova estrutura de vida, o que proporcionou a elaboração de novas práticas pedagógicas correspondentes a esta nova realidade.

Dentre as reformas educacionais, uma relação entre ensino escolar e reforma social surgiu nos Estados Unidos no período de 1830 a 1860, trazendo como prática inovadora o estímulo ao trabalho manual, a atividades agrícolas bem como o estabelecimento de escolas na zona rural.

De acordo com Silva (2006), este foi um projeto, em sua maioria, executado por escolas evangélicas, tendo sua experiência mais significativa realizada no Oberlin College<sup>17</sup>, inaugurado em 1833 no nordeste de Ohio. Entre suas práticas principais, estava a educação integral, envolvendo o aspecto físico, mental e espiritual; a reforma de saúde incluindo uma alimentação vegetariana, uma rejeição aos autores clássicos, estabelecimentos de escolas na zona rural e engajamento nas reformas sociais.

Inspirada no modelo de escola agrícola executado no Oberlin College, Ellen White elaborou seus fundamentos sobre educação, a partir dessa necessidade de uma reforma pedagógica conforme nos diz:

O tempo é agora demasiado curto para levar a cabo o que poderia ter sido realizado nas gerações passadas; mas podemos fazer muito, mesmo nestes últimos dias, para corrigir os males existentes na educação da juventude. E visto que o tempo é curto, devemos ser fervorosos e trabalhar zelosamente para dar aos jovens a educação compatível com nossa fé. Somos reformadores. Desejamos que nossos filhos estudem com o maior proveito. A fim de realizar isto é necessário dar-lhes uma ocupação que ponha os músculos em atividade (WHITE, 2007, p. 28-29).

Assim, no modelo de escola idealizado por White a instituição deveria desenvolver atividades agrícolas, trabalhos manuais, mas, sobretudo promover o estudo da Bíblia, uma vez que era necessário manter as crianças longe de discursos que ameaçassem os princípios da formação adventista, como o contato com outras teorias religiosas ou com pessoas sem religião, além do ensino de teorias científicas conflitantes com a fé a exemplo do Darwinismo (SCHUNEMANN, 2009).

Já no tocante aos reformadores racionalistas da educação norte-americana do século XIX que, influenciaram os escritos de Ellen White destacamos Horace Mann (1796-1859), secretário de educação de Massachusetts em 1837. Este, ao visitar a Europa e entrar em contato com seu sistema de ensino, trouxe para os EUA várias

---

<sup>17</sup> “Fundada pelo reverendo John J. Shipherd, a colônia escola de Oberlin teve como objetivo inicial preparar professores e missionários para trabalharem no então desolado oeste americano. Adotando como inspiração o pietismo, apesar de seu conservadorismo, o Oberlin tomou algumas medidas progressistas para sua época como a luta contra a escravidão, admissão de alunos negros e a co-educação, sendo a primeira instituição da América a conferir o grau de Bacharel a mulheres”. (SILVA, 2006 p.5)

sugestões para reformular o sistema educacional que, em sua visão, encontrava-se *deplorável*.

Horace Mann defendeu o estabelecimento de uma escola pública elementar, a prática de uma pedagogia ativa, como também a ampliação da educação a pessoas mais pobres e marginalizadas da sociedade. A escola era vista por ele enquanto uma instância social de transformação do indivíduo, capaz de moldar sua personalidade e seu caráter através do ensino de valores morais.

Mann defendia o desenvolvimento do aluno de forma integral, pois, ao passo em que as crianças seriam instruídas nos saberes curriculares, teriam através do trabalho e da atividade física, seu caráter moldado, tornando-se homens *justos, puros, de caráter, moral e bons costumes*.

Mann, parte do princípio de que a educação dos jovens devia ser integral, na qual além de alimentar o espírito devia também educar o corpo, pois o desenvolvimento harmônico de ambos leva o homem a obtenção do equilíbrio, tão necessária para a sua existência no mundo moderno (CLARCK, 2015, p.6).

Podemos perceber então, os princípios presentes no Oberlin College, bem como os escritos de Horace Mann, presentes na filosofia educacional whiteana apesar de, a princípio, a mesma pregar uma rejeição ao pensamento educacional moderno.

Se condições para trabalho manual forem providas em conexão com nossa escola, e solicitar-se aos estudantes que devam parte de seu tempo a algum trabalho ativo, isto provar-se-ia uma salvaguarda contra muitas das más influências que existem em instituições de ensino. Ocupações úteis, viris, postas em lugar de divertimentos corruptores e frívolos, dariam legítimo escopo à exuberância de vida juvenil e promoveriam sobriedade e estabilidade de caráter. Devia fazer-se todo esforço possível para encorajar o desejo de progresso físico, moral e também mental. (WHITE, 2007, p. 100).

Assim como a defesa do trabalho manual enquanto metodologia de ensino defendido por Mann, pode-se identificar na narrativa de White a influência de diversos teóricos contemporâneos dela. O fato de White não fazer referência a nenhum desses empréstimos teóricos em suas obras, contribuiu para que essas ideias fossem vistas por seus seguidores como uma revelação divina já que, ela não possuía formação acadêmica para justificar o desenvolvimento de tais teorias educacionais, o que pode explicar a apreensão acrítica de seus escritos historicamente observada.

Desta forma, vemos o discurso moderno liberal, que trouxe consigo todo um projeto pedagógico voltado para a *docilização e disciplinarização* dos infantes, presente nos discursos da igreja adventista no século XIX e XX. A apropriação feita por White dos ideais de medicalização e higienização dos corpos foi também um espaço de atuação para a efetivação das representações e do ideal adventista para seus fiéis.

De acordo com a pesquisadora Maria Elisa Correia (2006), podemos identificar nos escritos de Ellen White que trazem a educação como tema, alguns dos pontos que estruturam a filosofia de educação adventista. Para a autora, a pedagogia whiteana se organiza pelos seguintes princípios:

- 1- A verdadeira educação deve ser fundamentada em Cristo.
- 2- A Bíblia deve constituir a base e o ponto de referência das atividades educativas.
- 3- Acima das aptidões físicas deve estar à formação do caráter.
- 4- A educação deve ser integral e harmônica.
- 5- Sob a responsabilidade dos pais, a educação deve começar no lar.
- 6- A educação exige do professor um perfil adequado.
- 7- O estudante deve ser estimulado a desenvolver seu raciocínio e pensamento próprio.
- 8- A educação deve preparar para o trabalho.
- 9- A educação deve promover a saúde física e mental [desenvolvimento holístico do ser humano].
- 10- A educação deve valorizar as lições que a natureza ensina. (CORREIA, 2006, p. 99-101).

Assim, a Bíblia, a doutrina adventista, o professor, a família, todos possuem um papel na formação do pequeno cidadão. O processo de ensino e aprendizagem para White ocorre de forma holística, e o corpo físico deve refletir a condição do ser humano em todas as esferas.

A importância do cuidado com o corpo dá-se principalmente pela crença deste enquanto “*Templo do Espírito Santo*”, para que o ser humano desfrute plenamente de suas faculdades mentais e espirituais e, a partir disto, possa conscientemente tomar suas decisões, conforme defendido por Paulo: “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Ts. 5:23)<sup>18</sup>.

No decorrer da história a Igreja Adventista realizou diferentes apropriações das orientações prescritas por Ellen White. A educação foi um campo no qual a igreja investiu desde as décadas iniciais de sua organização, a partir da avaliação das famílias

---

<sup>18</sup> Para todas as citações feitas da Bíblia utilizamos: *Bíblia Thompson*, trad.: João Ferreira de Almeida, São Paulo: VIDA, 1990.

adventistas de que as escolas regulares ensinavam conhecimentos que conflitavam com seus preceitos, despertando, assim, a necessidade de estabelecer escolas e institutos de ensino dirigidos por líderes da igreja conforme afirma White:

Com o atual sistema de educação, abre-se a porta da tentação para os jovens. Conquanto, em geral, eles tenham demasiadas horas de estudo, dispõem de muitas horas sem ter o que fazer. Esses períodos de lazer são passados frequentemente de modo descuidado. O conhecimento de maus hábitos é comunicado de uma pessoa para a outra, e o vício aumenta consideravelmente. Muitíssimos jovens que foram instruídos religiosamente no lar e que partem para as escolas relativamente inocentes e virtuosos, são corrompidos pela associação com companheiros depravados. Perdem o respeito próprio e sacrificam nobres princípios. Acham-se então preparados para seguir a trilha descendente; pois abusaram tanto da consciência que o pecado não mais se afigura tão excessivamente perverso. Tais males existentes nas escolas dirigidas de acordo com o sistema atual poderiam ser corrigidos em grande parte se o estudo fosse combinado com o trabalho. Os mesmos males existem nas escolas superiores, só que em maior grau; pois muitos jovens se educaram no vício, e sua consciência está cauterizada. (WHITE, 2007, p.18-19).

Frente a esta necessidade, Ellen White, juntamente com a Organização Geral da Igreja Adventista, definiu as bases iniciais que deram origem ao sistema educacional, e em 1872, fundaram a primeira escola adventista em Battle Creek, no estado de Michigan. Entre as diretrizes elaboradas estava um ensino pautado na visão criacionista, no desenvolvimento integral do aluno, na adoção de hábitos saudáveis e de uma dieta vegetariana, bem como na elaboração de um currículo pedagógico centrado na Bíblia, em rejeição aos autores clássicos.

Após a morte de Ellen White (1827-1915) a igreja adventista deu continuidade ao ministério de educação formal e, paralelamente a isto, criou, também, espaços de ensino não formais, pautados na pedagogia adventista, a fim de doutrinar também crianças que, por motivos financeiros, não conseguissem ter acesso a seu sistema educacional regular, ampliando assim, seu campo de prática proselitista.

Dentre as estratégias de ensino não formal, o Clube de Desbravadores visou atender esta demanda de promover entretenimento guiado, associado ao forte doutrinação das crianças, combinando para isto, elementos culturais da sociedade aos princípios defendidos pela igreja.

A disciplina então é empregada como meio de imprimir símbolos identitários na criança. Nas palavras de White: “Deus queria que os pequeninos vivessem e fossem disciplinados, a fim de poderem possuir belo caráter, glorificando-O neste mundo e louvando-O naquele outro melhor” (WHITE, 2007, p.21).

### 1.3 A Pedagogia Escotista e as Diretrizes Whiteanas: analisando o currículo pedagógico do clube de desbravadores.

#### Estrutura Curricular do Clube de Escoteiros

Ao organizar os cartões de classe e os manuais de especialidades, o clube de desbravadores reuniu os conhecimentos técnicos desenvolvidos pelos escoteiros aos principais eixos norteadores da educação definidos por Ellen White que, atrelados às atividades do clube visam desenvolver os princípios adventistas nos membros do grupo.

Sendo o escotismo um instrumento de ensino para crianças e jovens através da recreação, o mesmo se organizou por meio de um método de conduta que estão expressos na Lei e na Promessa Escoteira<sup>19</sup>. Os princípios fundamentais desta instituição estão estruturados a partir de cinco eixos a serem praticados na relação ensino-aprendizagem que são: *a vida em equipe, o aprender fazendo, as atividades progressivas atraentes e variadas; e o desenvolvimento pessoal* conforme ilustrado no esquema a seguir:



Figura 3: Método Escoteiro. Fonte: UEB, 2012.

<sup>19</sup> A Lei escoteira resume todos os princípios básicos do escotismo, cada escoteiro deve decorar a lei e a promessa bem como seus significados. A Lei possui dez pontos que são: “O escoteiro tem uma só palavra; sua honra vale mais que sua própria vida. O escoteiro é leal. O escoteiro está sempre alerta e pratica diariamente uma boa ação. O escoteiro é amigo e irmão dos demais escoteiros. O escoteiro é cortês. O escoteiro é amigo dos animais e das plantas. O escoteiro é obediente e disciplinado. O escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades. O escoteiro é econômico e respeita o bem alheio; O escoteiro é limpo de corpo e alma” Já a promessa escoteira é: “Prometo pela minha honra fazer o melhor possível para: Cumprir meus deveres para com Deus e minha Pátria; Ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião; Obedecer à Lei Escoteira”. (<http://www.gebs.org.br/new/lei.htm> acesso em: Janeiro de 2017).



Dentre as estratégias de organização do programa escoteiro está à distribuição das crianças em tropas, semelhante aos agrupamentos militares. Cada tropa ou grupo de escoteiros pode possuir até 32 integrantes (ambos os sexos ou não), liderado por adultos capacitados (chamados de chefes). A tropa por sua vez é dividida em patrulhas, pequenas unidades contendo no máximo oito integrantes coordenadas por um monitor habilitado.

No tocante ao programa de ensino, os conteúdos ministrados são divididos em “ramos”, que são organizados por faixa etária, sendo determinados os conteúdos desenvolvidos em cada uma dessas divisões. Cada etapa de progressão se relaciona a um marco simbólico próprio, adaptado à capacidade imaginativa e às necessidades de identificação de cada faixa etária atendida.

Cada ramo se distingue por programas e atividades diferentes, dentro da mesma metodologia escoteira e estão divididos em:

- a) O Ramo Lobo: atende crianças de 6 a 10 anos e recebe a denominação de Alcateia por utilizar as fábulas do “O livro da Selva” de Rudyard Kipling como apoio. O lema do ramo é: “*Melhor Possível*”.
- b) O Ramo Escoteiro: atende jovens de 11 a 14 anos e recebe a denominação de Tropa Escoteira tendo como lema: “*Sempre Alerta*”.
- c) O Ramo Sênior: com jovens de 15 a 17 anos, chamado de Tropa Sênior têm o mesmo lema dos escoteiros.
- d) O Ramo Pioneiro: atende jovens de 18 a 20 anos é denominado de Clã de Pioneiros e seu lema é: “*Servir*”.

Seções do Grupo Escoteiro

FAIXA ETÁRIA	RAMO	SEÇÕES DE GRUPO	ÊNFASE EDUCATIVA	MARCO SIMBÓLICO
6,5 a 10 anos	RAMO LOBINHO	Alcateia	Socialização	Livro da Jãngal
11 a 14 anos	RAMO ESCOTEIRO	Tropa Escoteira	Autonomia	Explorar novos Territórios com um Grupo de Amigos
15 a 17 anos	RAMO SÊNIOR	Tropa Sênior e Guia	Identidade	Superar seus próprios Desafios
18 a 21 (incompletos)	RAMO PIONEIRO	Clã de Pioneiro	Integração do jovem à sociedade	Tenho um projeto para a minha vida

Figura 4: Ramos do Grupo Escoteiro

Fonte: <http://www.ararigboia.org> Acesso em: Março 2017

Juntamente com a criação dos quatro ramos foram elaborados os manuais para cada nível, com atividades progressivas que trazem os requisitos a serem cumpridos pelos aspirantes a cada reunião semanal.

### **Estrutura Curricular do Clube de Desbravadores**

Já o Clube de Desbravadores desenvolveu seu sistema de ensino progressivo, combinando seu esquema doutrinário aos materiais de ensino dos escoteiros. Seu programa pedagógico é composto por seis classes, cada uma delas contendo requisitos que devem ser cumpridos durante todo um ano letivo. As atividades de cada classe são realizadas durante as reuniões semanais, sob a supervisão do conselheiro da unidade, tutor responsável por ministrar os conteúdos. A seguir o esquema de classes:



**Figura 5: Classes regulares e avançadas.**

Fonte: <http://celsiusprod.blogspot.com.br/p/download.html>

Acesso em: Fev. 2016.

Na imagem acima podemos ver dispostos os distintivos correspondentes às classes bem como a idade necessária para cursar cada uma delas. Vemos que os conteúdos foram organizados de forma hierárquica, uma vez que os desbravadores são estimulados a superar a si mesmos e aos outros a fim de conquistar tal objetivo, de forma contínua e evolutiva.

Enquanto no clube de escoteiros as crianças migram de ramo a cada três anos, no clube de desbravadores a progressão de classes se dá ao longo de um ano letivo onde eles cumprem os requisitos, e realizam exames de verificação a fim de alcançar o distintivo da classe cursada e assim, avançar para o próximo nível de formação.

Além das classes regulares, existem as classes avançadas, que devem ser conquistadas por meio de atividades especiais no qual o desbravador demonstra sua dedicação, empenho e, sobretudo, a excelência na execução das tarefas. Podemos ver em tal sistema a maneira como os desbravadores são incentivados a perseguir esse *status*, pois, devem realizar as classes regulares objetivando o destaque através do cumprimento dos requisitos das classes avançadas, uma vez que alcançarão a excelência nos ideais, e assim demonstrar ser um *adventista por excelência*, objetivo pregado pelo clube como essencial para o desenvolvimento do cristão.

Sobre o modelo de ensino progressivo, segundo Resende (2015), o sistema escolar moderno surgiu a partir de mecanismos científico-disciplinares através dos quais, as normas, as regras, estruturam o desenvolvimento do infante de forma calculada, categorizada, e progressiva.

Assim, a pedagogia é utilizada como saber científico autorizado para se efetuar um governo sobre a infância, a partir da adoção de métodos e práticas em busca do exercício do poder e do controle através de mecanismos disciplinadores, no qual a criança é considerada um ser distinto do adulto, inocente, e necessitada de cuidados, logo, necessitada de ser, guiada, direcionada, escolarizada.

A educação passa a ser um instrumento de fabricação e modelação dos infantes conforme afirma Resende (2015 p.: 129-130).

A partir do momento em que a infância é inventada pela Modernidade fazendo-a ocupar esse espaço como sujeito-objeto, a educação passa a ser imperativo, o que leva, também, à invenção da pedagogia moderna, como um campo científico e como política de conhecimento constituindo-se de discursos voltados para o estudo e a acumulação de saberes sobre a criança e seu corpo, seu desenvolvimento, suas capacidades, suas vontades, suas tendências, suas brincadeiras, suas potencialidades, suas fragilidades, suas vulnerabilidades, seus instintos, suas paixões e potências, que por sua vez, se acoplam a práticas discursivas e não discursivas em que tais saberes se imbricam em mecanismos de poder, cujo resultado será a produção de uma criança específica, a produção da subjetividade infantil moderna.

De acordo com Michel Foucault (2014), a pedagogia se organiza de tal forma, que o tempo e o espaço são meticulosamente calculados, a fim de tornar o ambiente escolar em um mecanismo disciplinar. Dentre os elementos que corroboram para este disciplinamento, estão os dispositivos científicos organizados em matérias de ensino que vão desde os assuntos mais simples, chegando aos mais complexos, além da disposição do processo de ensino e aprendizagem disposto em níveis dentro de uma lógica evolutiva de desenvolvimento.

A disciplina escolar abordada por ele é definida como uma estratégia que age de maneira a analisar o espaço e aplicá-lo para capitalizar o tempo na produção de coisas úteis, a partir de certos processos como: o de organizar os saberes de forma sequenciada, crescente e evolutiva, finalizar cada seguimento com uma verificação a fim de identificar se o indivíduo encontra-se apto para passar de fase e, através deste exame, exercer uma comparação, uma classificação e uma diferenciação dos indivíduos.

Percebemos essa lógica evolutiva de ensino no sistema educacional do clube, no qual os desbravadores são organizados em classes, cada um de acordo com a idade e estágio de desenvolvimento, no qual são instruídos por conselheiros que tem por tarefa, ensinar e inculcar os conteúdos, valores, preceitos bíblicos e doutrinários, além de desenvolver as habilidades manuais durante todo um ano letivo. Tal formação é medida e classificada por meio de exames e, atividades práticas, nas quais são observados o empenho e excelência no cumprimento dos requisitos.

A aplicação do tempo disciplinar à prática pedagógica do clube de desbravadores se dá a partir do momento em que vemos os conteúdos curriculares distribuídos em séries múltiplas, progressivas e hierarquizantes, que tem o exercício como meio pelo qual, através da repetição, visa dirigir o comportamento do aluno de forma repetitiva e diferente, mas sempre gradual em direção a um estágio terminal como afirma Foucault (2014. p. 158): “Assim realiza na forma de continuidade e da coerção, um crescimento, uma observação, uma qualificação”.

O controle exercido pelo exame e demais formas avaliativas ao final de cada classe, ou na tentativa de se obter uma especialidade, é baseado no sistema de ensino moderno, que de acordo com Foucault *avalia, qualifica, vigia e pune* com objetivo de enquadrar o sujeito à norma.

No processo de obtenção das classes e das especialidades do clube, observa-se um sistema que seleciona os melhores, fomentando de forma velada as disputas internas de poder e hierarquia entre seus membros.

Todos os anos, cada clube de desbravadores realiza a *cerimônia de investidura*, conforme ilustrado na imagem abaixo, evento que marca a finalização e passagem do desbravador de uma classe para outra. Na ocasião registrada, os integrantes do clube: *Desbravadores do Nilo* (Egito/2015) comemoravam o primeiro ano de sua existência, realizando a investidura de classes de seus desbravadores<sup>20</sup>.



**Figura 6: Líder condecorando desbravador Cerimônia de Investidura em classes regulares Egito/2015**

**Fonte: <http://www.revistaadventista.com.br> Acesso em Novembro de 2016**

Assim, a culminância de cada ano letivo é realizada através da cerimônia de investidura, momento solene no qual ocorre a entrega do *boton* de classe e do distintivo de *classe avançada*. Entendemos a investidura enquanto uma maneira de condecorar o desbravador por seu *esforço* e *esmero*, perante a família e seus pares, esse modelo de premiação pelo mérito aparece como um método disciplinar que classifica os mais aptos e desenvolvidos e os *menos preparados*.

O sistema de classes regulares é um forte instrumento de disseminação dos ideais adventistas entre os desbravadores, pois, contém atividades que direcionam a

---

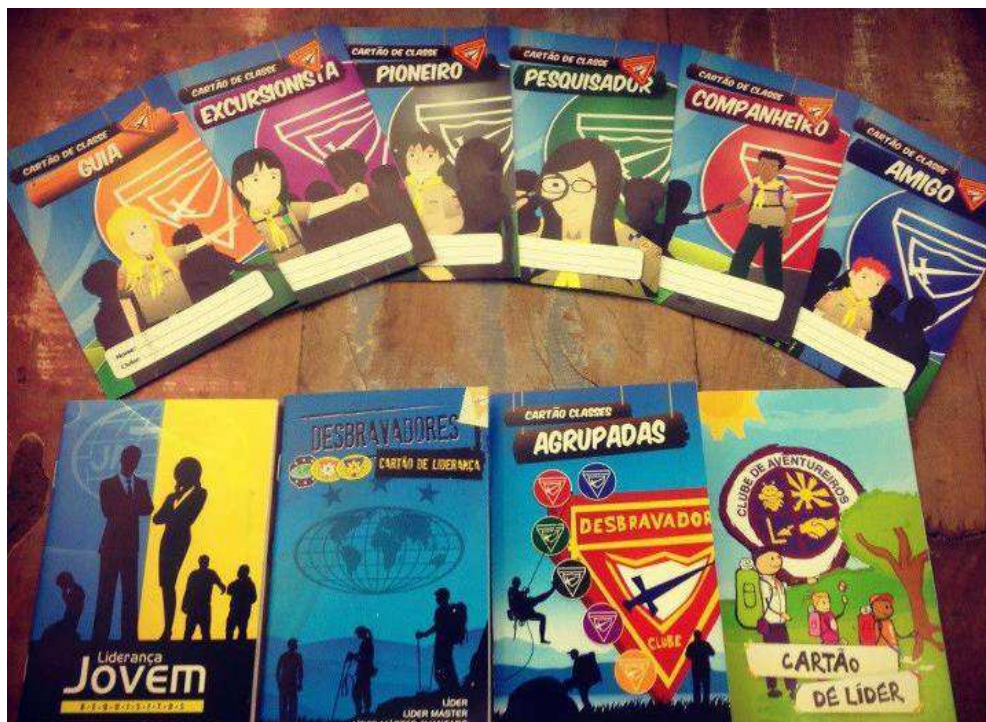
<sup>20</sup> Fonte: <http://www.revistaadventista.com.br/blog/2015/03/20/primeira-investidura-de-desbravadores-no-egito/> Acesso em: Novembro de 2016.

conduta do desbravador dentro e fora do clube. Tal instrumento regulador se manifesta desde o ingresso do desbravador no clube, uma vez que os conteúdos permitem que o aparato disciplinar acompanhe o participante até sua adolescência, contemplando assim, as principais fases de desenvolvimento de sua personalidade.

Enquanto os manuais de cada ramo do escotismo trazem atividades que trabalham o escotismo de forma geral como: *o ensino de pioneirias, noções de saúde e segurança, ensino do exercício da cidadania, a prática da Lei e Promessa escoteiras, o estímulo ao respeito à religião*, além de desenvolver *requisitos relacionados ao grupo de especialidades escoteiras*, os cartões de classe dos desbravadores contemplam esses assuntos, porém totalmente relacionados aos princípios doutrinários elaboradas por White, visando desenvolver nas crianças, características que reforcem, sobretudo, o que *é ser um cristão de verdade* para os adventistas.

Enquanto uma instituição, pautada nos parâmetros educacionais modernos, o clube de desbravadores traz em sua estrutura de ensino um aparato disciplinar elaborado estrategicamente, para instaurar elementos normatizadores, conferindo uma identidade para os desbravadores. Assim, o uso de materiais, a distribuição do conhecimento em classes progressivas, o exame, o uso de uniforme, a distribuição do tempo e do espaço são algumas das estratégias utilizadas pelo clube para exercer o direcionamento da infância, condicionando o sujeito a internalizar a conduta por eles prescrita.

Para percebermos como a transmissão dos preceitos adventistas para os desbravadores foi pensada pelos líderes do clube, analisamos a estrutura dos cartões de classes regulares, manuais que reúnem as instruções e os requisitos a serem cumpridos pelos desbravadores. De acordo com Costa (2012) os manuais didáticos configuram-se numa importante fonte histórica, pois, possuem marcas do período histórico em que foram desenvolvidos, bem como, veiculam ideias da ideologia de certo grupo social que os elaborou, além de serem importantes para análise dos processos de ensino e das práticas escolares. Sendo assim, os manuais didáticos do clube nos dão uma visão mais ampla sobre como a ideologia adventista é disseminada através dos conteúdos ministrados nas classes.



**Figura 7: Cartões de Classes Regulares e Avançadas do Clube de Desbravadores.**  
 Fonte: [www.universododesbravador.com.br](http://www.universododesbravador.com.br) acesso em: agosto de 2016.

Na imagem acima temos a ilustração de todos os cartões de classes utilizados para o ensino das crianças, adolescentes, como também para a formação dos jovens e adultos que fazem parte da liderança do clube. O desbravador tem em média 40 fins de semana para executar e entregar as atividades distribuídas durante o ano. As reuniões geralmente acontecem aos domingos, e nesse momento é reservado de 30 a 35 minutos para o exercício das atividades descritas no cartão de atividades.

Conforme dito anteriormente, o clube de desbravadores estende o processo de formação não apenas as crianças e adolescentes, mas também aos jovens, pois, ao terminar as classes progressivas, caso queira continuar fazendo parte do clube, o desbravador, precisa ser um membro batizado da igreja adventista e continuar sua preparação cursando os cartões de liderança, através do qual ele será preparado para assumir cargos administrativos do clube.

Tal preparação é exercida desde os anos iniciais, pois, as crianças já começam a assumir cargos de liderança dentro de cada unidade. As unidades são compostas de 5 a 10 desbravadores, distribuídos por sexo. No interior da unidade são designados cargos e, a cada ano, as crianças assumem responsabilidades de forma a imitar a organização administrativa do clube: dentre os cargos estão o de capelão, secretária, tesoureiro,

capitão, e etc. como forma de prepará-los para ocupar esses cargos de liderança no futuro.

Este exercício de poder, no entanto, se configura de uma maneira no qual o participante torna-se alvo da ação pedagógica, mas também instrumento de intermediação desse governo, pois, ao tempo em que a criança é disciplinada, ela também é treinada e preparada para tornar-se um agente disciplinador, uma vez que o projeto pedagógico da instituição abrange não apenas a infância, mais estende seu programa de formação à fase adulta.

Desta forma, vemos como o clube, torna-se um campo estratégico, lugar onde os indivíduos têm seus corpos disciplinados como forma de moldá-los, educando-os. “A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício”. (FOUCAULT, 2014, p. 143).

Como a proibição aos divertimentos, à literatura, aos prazeres *mundanos* são impostos pela doutrina adventista, o Clube de Desbravadores se apresenta como um espaço alternativo de sociabilidade aos participantes da IASD. Desse modo, entendemos a elaboração das dinâmicas, das especialidades, dos conteúdos e das classes progressivas, como uma forma de *traduzir* o estilo de vida definido por White numa linguagem atrativa e de fácil assimilação, para que as crianças e adolescentes possam compreender e exercitá-los de forma lúdica e eficaz. Assim, através dos conteúdos ministrados, o clube de desbravadores torna-se uma instituição voltada para dirigir o pensamento e ações da infância e juventude adventista.

Podemos compreender tal processo de *tradução*, seguindo o caminho metodológico esboçado por François Hartog que em seu livro *O Espelho de Heródoto* (1999). Neste o autor nos traz uma análise das formas de representar o outro a partir de uma retórica da alteridade, dando enfoque nas formas enunciativas, a partir de que um sujeito dá-se a ver através de representações presentes em sua narrativa, dizer este, que é construído para um destinatário.

Esta retórica da alteridade trata-se, segundo Hartog, de uma “operação de tradução: visa transportar o outro ao mesmo (*tradere*), construindo assim uma espécie de transportador da diferença”. (1999, p.251). Uma distância que existe não apenas no autor, mais que é pressuposta pelo autor para o leitor no momento da escrita, uma vez



que toda escrita supõe um leitor, um destinatário imaginado para tal. Assim, a escrita é produzida a partir de um endereçamento idealizado que a influencia em seu nascedouro.

Logo, ao escrever seus livros de aconselhamentos para a igreja, Ellen White pressupunha um público-alvo, e utilizando-se dos símbolos culturais de sua época, do saber compartilhado, traça sua narrativa acerca da sociedade americana, construindo um tipo de *contra-modelo* a ser seguido pelos adventistas, uma exortação a negação dos costumes e condutas mundanas. Portanto, ao narrar o outro, ela o faz trazendo o “outro” ao próprio, ou seja, fala do outro impondo seus próprios conceitos como valores de referência, legitimando assim os aspectos culturais de seu grupo.

Hartog alega que, para compreendermos a retórica da alteridade em ação no texto, precisamos atentar para dois aspectos importantes: o modo de realização da leitura que pressupõe quatro marcas de enunciação: eu vi, eu ouvi, eu digo e eu escrevo, e por outro lado identificarmos as marcas enunciativas do interrogante: quem fala? A quem e como? (HARTOG, 1999).

Ellen White narra o que viu e ouviu, ou seja, o que ela diz ter recebido através de sonhos e visões, bem como suas impressões do mundo que a cercava, que segundo ela, foram concedidas por Deus, e este é seu atestado de verdade. Assim, o movimento de comparação de suas revelações com o saber secular, levou-a a escrever para um destinatário, traduzindo o mundo do outro, ao mesmo tempo em que elabora uma narrativa de seu grupo, a partir da inversão dos valores desse outro, nesse caso, os não-adventistas.

Sendo assim, dizer o outro é enunciá-lo como diferente (p. 229). Ou seja, ao narrar o outro toma-se o saber compartilhado como referência, a fim de tornar compreensível para o destinatário sua própria identidade. Apontar as possíveis diferenças tendo o saber compartilhado como referência se constitui numa forma de tradução do outro para o destinatário de sua narrativa, a inversão, o uso da alteridade, é o recurso utilizado para se fazer vê e compreender (HARTOG, 1999).

A criação do clube de desbravadores acontece justamente por meio desse afastamento, dessa separação entre a conduta *mundana* e o *comportamento ideal* almejado pelos líderes adventistas, enquanto a elaboração do currículo e, dos manuais pedagógicos consiste na tentativa de *tradução* dos preceitos whiteanos para serem praticados pelos desbravadores.

Em suma, considerando o clube de desbravadores enquanto uma *tradução* dos elementos identitários adventistas para crianças e adolescentes, seu currículo de ensino traz discursos pelos quais eles se fabricaram enquanto grupo distinto da sociedade, por meio da formulação de valores que desautorizam os valores da sociedade colocando-os como não valores, criando com isso um novo padrão a ser seguido.

Ao analisarmos o cartão da classe: *Amigo*, temos a estrutura curricular delineada já no índice:

INTRODUÇÃO.....	04
REQUISITOS PARA AMIGO.....	08
<b>DETALHAMENTO DOS REQUISITOS</b>	
Geral.....	11
Descoberta Espiritual.....	17
Servindo a Outros.....	29
Desenvolvendo a Amizade.....	33
Saúde e Aptidão Física.....	37
Desenvolvimento de Organização e Liderança.....	43
Estudo da Natureza.....	45
Arte de Acampar.....	62
Enriquecendo seu Estilo de Vida.....	85

**Figura 8- Índice do cartão de atividades da classe Amigo.**  
**Fonte: [www.universodesbravador.com.br](http://www.universodesbravador.com.br) acesso em Agosto/2016.**

Conforme ilustrado na imagem acima, os requisitos a serem cumpridos pelas crianças são organizados em grandes áreas, que abordam as diferentes competências a serem trabalhadas pelos líderes a cada reunião. Cada sessão foi dividida a partir de ideias definidos por Ellen White e buscam abarcar as diferentes esferas da vida do desbravador.

Os eixos de organização dos conteúdos desses cartões de classe se dão através da distribuição dos princípios bíblicos defendidos pela igreja adventista, atrelados aos conhecimentos práticos do escotismo, compondo o conteúdo programático dos desbravadores.

Os requisitos se dividem em: “*Geral*” no qual é exigido que o desbravador saiba de cor o significado da lei, do hino e do voto dos desbravadores. Estes versos são

repetidos em todas as reuniões do clube e devem ser memorizadas para que a criança tenha gravado os objetivos e obrigações que ela deve cumprir no seu dia a dia.

No Item “*Descoberta Espiritual*” há uma série de versículos bíblicos para ser decorados e algumas histórias da bíblia que as crianças precisam aprender seu enredo e significado, cabendo ao conselheiro, aplicar um sentido prático dessas histórias à vida do desbravador.

Na seção: “*Servindo a Outros*”, o desbravador deve realizar boas ações para a comunidade, em “*Desenvolvendo a Amizade*”, a criança deve praticar boas maneiras na presença de pessoas que ela convive, pois, como um bom cidadão o desbravador precisa ajudar os outros e ter noções de educação e etiqueta. As noções de boas maneiras, asseio e cortesia, são ensinados através de especialidades específicas conforme veremos mais adiante.

Na seção “*Saúde e Aptidão Física*”, o aluno deve realizar alguma especialidade sobre vida saudável. E com base na história do profeta Daniel o desbravador precisa: “a) Explicar os princípios de temperança que ele defendeu ou participar em uma apresentação ou encenação sobre Daniel. b) Memorizar e explicar Daniel 1:8. c) Escrever seu compromisso pessoal de seguir um estilo de vida saudável” (cartão da classe: Amigo. 2012, p. 1)<sup>21</sup>.

Tal articulação foi necessária na visão de seus idealizadores, uma vez que, os conteúdos desenvolvidos pelos escoteiros não atendiam aos princípios adventistas por se associarem a exemplos e práticas culturais seculares. Por exemplo: enquanto o primeiro ramo dos escoteiros: o do *Lobinho* tem como base para suas atividades sobre companheirismo, amizade, respeito e moral, a história de *Mogli, o menino lobo*, tão difundida pela mídia através de desenhos e filmes, os desbravadores trazem como tema principal da classe de *Amigo*, a história bíblica do *profeta Daniel*, tido pela igreja como um modelo de *temperança, obediência e sabedoria*.

Ao rejeitar esse referencial moral utilizado pelo método dos escoteiros, os adventistas utilizam exemplos bíblicos para desenvolver aspectos doutrinários como é o caso da história de Daniel e seus amigos, incluída no manual pedagógico para trabalhar a doutrina de saúde e regime alimentar defendidos por Ellen White em seus escritos.

---

<sup>21</sup> Disponível em

[http://www.universodesbravador.com.br/desbravadores/textos\\_e\\_manuais/index\\_manual\\_classes.htm](http://www.universodesbravador.com.br/desbravadores/textos_e_manuais/index_manual_classes.htm)

Acesso em novembro de 2016.

Os cuidados com o corpo, a vigilância na alimentação, os bons hábitos de saúde estão relacionados diretamente com o processo de santificação para Ellen White, pois, segundo ela:

Existe uma íntima relação entre a natureza física e a moral. Qualquer hábito que não promova a saúde degrada as mais elevadas e nobres faculdades. Hábitos errôneos no comer e beber conduz a erros no pensar e agir. A condescendência com o apetite fortalece as propensões animais, dando-lhes a ascendência sobre as faculdades mentais e espirituais. É impossível a qualquer pessoa gozar da benção da santificação enquanto é egoísta e gluttona (WHITE, 2006: 27).

Portanto, ao trabalhar a saúde e aptidão física, os desbravadores não estão apenas cuidando do físico, mas aprendendo o autocontrole, evitando a gluttonaria, já que a intemperança de acordo com White influencia a mente e as ações.

É preciso aprender desde a infância a dominar os desejos da carne e assim, obter a iluminação espiritual necessária para aprender as coisas divinas, através de histórias exemplares como o caso do profeta Daniel, os desbravadores são orientados a adotarem um estilo de vida saudável com a prática de uma dieta vegetariana e evitando os excessos.

Nos requisitos, “*Estudos da Natureza*”, “*Arte de Acampar*” e “*Enriquecendo o Estilo de Vida*”, o desbravador tem como tarefa realizar estudos e atividades referentes à natureza, especialidades sobre animais, vivencia no campo além de desenvolver junto com seu líder alguma atividade manual, pois para White (2008, p. 208-217/218):

Para os primeiros oito ou dez anos da vida de uma criança, o campo ou jardim é a melhor sala de aula, a mãe é o melhor professor, a Natureza o melhor compêndio. Mesmo quando a criança tem idade suficiente para frequentar a escola, a sua saúde deve ser considerada de maior importância do que o conhecimento dos livros. Deve ser rodeada das condições mais favoráveis, tanto para o crescimento físico como para o mental. [...] Para toda criança, a primeira escola industrial deve ser o lar. E, tanto quanto possível, deve haver, em conexão com cada escola, facilidades para a educação manual. Em grande parte, tal ensino manual deve ocupar o lugar do salão de ginástica, com o benefício adicional de proporcionar valiosa disciplina. [...] Deve-se ministrar instrução em agricultura, manufaturas, abrangendo tantos dos seus mais úteis ramos quanto possível; bem como em economia doméstica, arte culinária saudável, costura, confecção de roupas saudáveis, tratamento de doentes, e coisas correlatas. Devem ser providas hortas, oficinas, salas de tratamentos, e o trabalho em todo o ramo cumpre estar sob a direção de instrutores hábeis.

O contato com a natureza, a apreensão de conhecimentos extraclasse, relacionados à vida no campo, ao trabalho manual era visto por White como uma maneira de disciplinar e aperfeiçoar o caráter. Dessa forma, o clube incluiu em seu currículo esses requisitos que abarcam tais diretrizes que combinados com especialidades escoteiras como a “arte de acampar” atendem a esta demanda apontada por White como fundamental para o desenvolvimento da criança.

Desta forma, o aprender/brincando e o aprender/fazendo utilizados na pedagogia escoteira são usados como forma de doutrinação pela IASD. No cumprimento das classes progressivas durante as aulas e atividades desenvolvidas no clube, os conteúdos são direcionados para o treinamento e produção do adventista obediente, disciplinado, útil à missão proselitista.

## **CAPÍTULO II: O CLUBE DE DESBRAVADORES E A DISCIPLINA COMO MEIO DE SALVAÇÃO.**

*Em todos os tempos os escolhidos do Salvador foram educados e disciplinados na escola da provação.*

*Seguiram na Terra por veredas estreitas; foram purificados na fornalha da aflição.*

*Por amor de Jesus suportou a oposição, o ódio, a calúnia. Acompanharam-no através de dolorosos conflitos; suportaram a negação própria e experimentaram amargas decepções.*

*Pela sua própria experiência dolorosa compreenderam a malignidade do pecado, seu poder, sua culpa, suas desgraças; e para ele olham com aversão.*

**Ellen G. White**

## CAPÍTULO II: O CLUBE DE DESBRAVADORES E A DISCIPLINA COMO MEIO DE SALVAÇÃO

### **A Lei do Desbravador ordena-me<sup>22</sup>:**

*Observar a devoção matinal  
Cumprir fielmente a parte que me corresponde  
Cuidar do meu corpo  
Manter a consciência limpa  
Ser cortês e obediente  
Andar com reverência na casa de Deus  
Ter sempre um cântico no coração,  
E ir aonde Deus mandar.*

#### **2.1. “Ser Cortês e obediente”: a disciplina militar e a docilização dos corpos.**

Ao refletir sobre as estratégias elaboradas pela igreja adventista para atrair crianças e adolescentes para o Clube de Desbravadores, nos deparamos com a criação de um rico esquema imaginário no qual o uso de símbolos, emblemas, ideais, ritos dentre outras práticas são utilizadas com objetivo de inculcar seus elementos identitários adventistas nas mentes seus integrantes.

A IASD elaborou uma série de códigos de conduta para serem memorizados e exercidos pelos desbravadores em sua vida cotidiana, para que os objetivos e a filosofia estejam constantemente diante do desbravador, induzindo-o no momento de fazer suas escolhas.

. Assim, as leis, hinos, slogans, saudações são utilizados para exercer um doutrinamento contínuo dos desbravadores. Símbolos e emblemas também foram criados para exercer uma disciplinarização do indivíduo, para que, ao olhar para tais signos, ele possa pautar suas decisões com base nesses elementos.

Os primeiros emblemas foram desenvolvidos no período inicial do clube. Estes signos foram pensados a partir dos preceitos adventistas que visavam apresentar de forma resumida, os principais elementos da filosofia da igreja. Juntamente com o material didático, os ideais e emblemas do clube foram elaborados, assim, em 1946, John Hancock, diretor de jovens da associação sudeste da Califórnia desenvolveu o emblema dos desbravadores conforme ilustrado a seguir:

---

<sup>22</sup> Lei dos Desbravadores. Fonte: [www.universodesbravador.com.br](http://www.universodesbravador.com.br) acesso em Agosto/2016.



**Figura 9: Emblema dos Desbravadores**

Fonte: [www.universodesbravador.com.br](http://www.universodesbravador.com.br) acesso em Agosto/2016.

Ao pensar na criação deste emblema, Hancock uniu à crença na existência da trindade, uma das principais doutrinas adventistas, a teoria de desenvolvimento holístico, defendida por Ellen White conforme discutimos anteriormente. “Os três lados do emblema representam o desenvolvimento físico, mental e espiritual dos jovens. A espada representa o Espírito Santo e o escudo a Fé. Juntos eles indicavam que o Clube era uma organização espiritual, relacionada com a igreja”. (MISSAO NORDESTE, 2012, p.10).

A necessidade de criar representações que os distinguissem dos escoteiros fez com que mais uma vez eles se apropriassem de seus elementos de identificação: símbolos, fardamento, ideais, ritualística, dentre outros signos, criando para si, símbolos completamente atrelados a sua doutrina, demonstrando o caráter espiritual que o clube possui.

Esse emblema está presente nas bandeiras, nos fardamentos, nas insígnias e materiais do clube, e é utilizado como um recurso visual para reforçar o aspecto doutrinário que serviu de base para sua formação.

Em 1948 então Henry Berg diretor da associação central da Califórnia elaborou a bandeira do clube, que traz em seu centro o emblema criado por Hancock. A cor



banca que está relacionada à *pureza de caráter* que o desbravador deve possuir já a cor azul, representa a *lealdade*, característica indispensável pregada pela filosofia do clube.



**Figura 10: Bandeira do Clube Desbravadores.**  
 Fonte: [www.universodesbravador.com.br](http://www.universodesbravador.com.br) acesso em Agosto/2016

Juntamente com a criação dos emblemas, foram elaborados também o *voto*, a *lei*, o *alvo* e o *lema* dos desbravadores, versos que são professados em forma de juramento, e que revelam de forma clara e objetiva o propósito e os ideais do programa.

Estes dizeres são proferidos no início de cada reunião ou programação do clube, e consistem em um dos primeiros requisitos exigidos ao aspirante a desbravador, que precisa decorar e aprender o significado de cada um desses elementos para assim, ser aceito como membro. Ao repetir esses ideais, o desbravador declara que aceita os preceitos que eles representam.

As reuniões do clube dos desbravadores acontecem aos domingos pela manhã, e tem duração mínima de três horas. Suas atividades estão divididas em: cerimônia de abertura ordem unida, currículo (realização dos requisitos dispostos nos cartões de classes), artes manuais, jogos e encerramento. Este encontro geralmente ocorre na igreja sede do clube ou em alguma escola ou grupo do bairro onde o clube funciona.

Durante esta reunião, logo na cerimônia de abertura, os desbravadores são dispostos em filas, por unidades, organizados do maior para o menor. A distribuição espacial também é utilizada como mecanismo disciplinar.

De acordo com Foucault (2014) esta organização dos indivíduos por filas, do maior para o menor, no qual eles são articulados de acordo com a eficiência e

habilidade, hierarquiza não apenas pela altura de forma decrescente, mas determina também de acordo com o desempenho, o comportamento, a capacidade, de maneira a criar um sistema de mérito, classificando os sujeitos.



**Figura 11: Desbravadores executando ordem unida  
Clube *Pioneiros da Selva* Parnamirim/RN- Out/2016  
Fonte: Arquivo do clube.**

Na imagem acima temos um exemplo dessa distribuição espacial dos desbravadores durante a execução de *ordem unida*. Nesta ocasião o clube de desbravadores *Pioneiros da Selva* da cidade de Campina Grande/PB estava se apresentando durante um encontro regional de desbravadores que aconteceu na cidade de Parnamirim/RN em 2016.

Todos estão trajando o uniforme de atividades personalizado de seu clube. Além deste fardamento, os desbravadores possuem o uniforme de gala que é usado em solenidades e religiosas e civis conforme representado a seguir:



**Figura 12: Uniformes Oficiais dos desbravadores.**  
 Fonte: [www.youtube.com/watch?v=s-QlKB-4uns](http://www.youtube.com/watch?v=s-QlKB-4uns). Acesso: Março 2017

O Uniforme oficial varia de acordo com a posição ocupada pelo integrante dentro do clube. A roupa nas cores caqui e verde são para os desbravadores que possuem entre 10 a 15 anos, enquanto o branco e verde é usado pela liderança. O uniforme todo verde é usado coordenadores regionais ou pastores que integram o alto escalão do Clube.

Na imagem a seguir vemos dois desbravadores fardados com o uniforme oficial adotado pelos clubes do Brasil.



**Figura 13: Uniforme oficial dos desbravadores do Brasil.**  
 Fonte: <http://museudodesbravador.blogspot.com.br> Acesso em Agosto 2016

Como podemos ver, além da vestimenta, o uniforme oficial é composto pelo *lenço e canudo*, que de acordo com a interpretação do clube possui a cor amarela por esta representar a *excelência no cumprimento dos ideais*, o *lenço* então é um lembrete do objetivo a ser perseguido por todos os desbravadores.

A *faixa* também compõe o uniforme, nela é fixada a identificação do desbravador, de seu clube e os distintivos das especialidades que ele conquistou durante cada classe cursada. As especialidades são pequenos cursos que eles fazem ao longo das classes, com o objetivo de se aprofundar nas mais diversas áreas do conhecimento. Abordaremos essa questão logo mais a frente.

É possível ver os *botons* de classes fixados na aba do bolso direito do fardamento, o que indica as classes que já foram concluídas pelo desbravador. Ao utilizar o uniforme, ostentando seus distintivos, o desbravador demonstra também seu desempenho e dedicação. Todo esse sistema de identificação se torna uma maneira do desbravador demonstrar a *excelência* no cumprimento das tarefas como podemos ver em detalhe na imagem a seguir:



**Figura 14: Uniforme de Gala 10 a 15 anos.**

Fonte: <http://lencodedesbravador.blogspot.com.br> Acesso em: Março 2017.

No tocante as reuniões semanais do clube, para iniciar as atividades, o instrutor ou diretor começa executando comandos de *ordem unida* para alinhar as unidades e em seguida inicia o ritual de repetição dos ideais do clube, momento em que os desbravadores reafirmam seu compromisso em seguir os ideais. Desta forma, o instrutor inicia a cerimônia dando o comando, ao passo que os desbravadores declamam em uníssono, cada ideal por ele solicitado.

Os *ideais*, o *hino* e toda a ritualística realizada na cerimônia de abertura das atividades do clube, revelam às bases do movimento que está totalmente ligado a doutrina adventista, a pregação do evangelho, bem como ao serviço a pátria e aos outros. Os símbolos então reforçam a identidade desbravadora, idealizada pelas lideranças que visam fabricar indivíduos *normatizados, disciplinados, servos de Deus e amigos de todos*.

Após cantarem o hino, os desbravadores fazem uma oração e em seguida, vão para o cantinho da unidade, momento do programa destinado ao desenvolvimento de especialidades e ao cumprimento dos requisitos dos cartões de classes. Este momento de estudo da Bíblia é de extrema importância, pois, é nesta prática que a crença em Jesus Cristo como o salvador da humanidade, e na espera por sua segunda vinda bem como a prática do proselitismo são exploradas pelo método de ensino do clube.

Enquanto no clube de escoteiros as crianças são organizadas por patrulhas, no clube de desbravadores elas são distribuídas por unidades, cada unidade é composta de 5 a 8 desbravadores, orientados por um conselheiro, (professor/instrutor responsável pela unidade), os meninos e meninas são distribuídos nas unidades separadamente. Segundo o manual de Desbravadores o sistema de unidades foi pensado para que o acompanhamento das crianças ocorra de forma individual, mantendo assim a ordem e a disciplina de maneira mais eficaz.

De acordo com Foucault, a divisão do tempo no ambiente de ensino é organizada de maneira que seja usado de forma funcional e útil, se constitui em uma estratégia de disciplina.

Esse tempo disciplinar que se impõe pouco a pouco à prática pedagógica – especializando o tempo de formação e destacando-o do tempo do adulto, do tempo do ofício adquirido: organização em diversos estágios separados uns dos outros por provas graduadas; determinando programas, que devem se desenrolar cada um durante uma determinada fase, e que comportam exercícios de dificuldade crescente; qualificando os indivíduos de acordo com a maneira como percorreram essas séries. (FOUCAULT, 2014, p. 156).

O sistema de classes utilizado pelo clube, reproduz esse sistema de organização, visando uma otimização do tempo, como também o ensino sequencial e verificado por meio de atividades e avaliações, visando verificar a aprendizagem dos desbravadores em cada etapa concluída.

Além das reuniões semanais, o Clube de Desbravadores participa das programações da igreja, realiza trabalhos comunitários, promove ações evangelistas, além de realizar atividades recreativas e acampamentos ao ar livre<sup>23</sup>.

O clube participa também dos momentos cívicos da cidade, principalmente na semana da pátria, desfilando no dia 7 de setembro conforme ilustrado na imagem abaixo:



**Figura 15: Pelotão Feminino - Desfile Cívico 7 de setembro de 2016. Campina Grande/PB**  
Fonte: Acervo pessoal

---

<sup>23</sup> Artigo da constituição dos Desbravadores. In: manual dos desbravadores, vol 1, Casa Publicadora Brasileira. Disponível em: [desbravadores.org](http://desbravadores.org) Acesso em: Agosto, 2016.



**Figura 16: Banda dos Desbravadores Desfile Cívico 7 de setembro de 2016. Campina Grande-PB**  
**Fonte: Acervo Pessoal**

Como podemos ver o clube de desbravadores assim como o clube de escoteiros participam dos momentos solenes e cívicos da cidade todos os anos. Essa participação demonstra o compromisso que estas instituições pretendem estabelecer com a sociedade. Dessa forma, o respeito a tradição, a obediência as regras, e o respeito a hierarquia ritualizados nessas datas cívicas são também utilizados como mecanismo de disciplina.

Para o funcionamento do programa a organização administrativa do clube é composta por: um diretor administrativo, dois ou mais diretores associados, secretário, tesoureiro, capelão, conselheiros de unidade e instrutores. Cada membro da direção deve ser batizado da igreja adventista, e todos os nomeados para tais cargos devem ser aprovados pela comissão administrativa da igreja a qual o clube pertence.

Para analisarmos como se constituem as técnicas de disciplina no interior do clube, tomamos como fonte o *Manual de Ordem Unida* do Clube de Desbravadores, material que contém orientações sobre exercícios de Ordem Unida realizados no clube, e que se baseiam no *Manual de Instrução de Ordem Unida das Forças Armadas Brasileiras*.

A prática destes exercícios tem o objetivo de padronizar procedimentos, movimentos, formas de combate, a fim de desenvolver a disciplina de espírito de corpo dos desbravadores.

Segundo o manual, a ordem unida é utilizada no clube tanto para possibilitar o deslocamento organizado do clube em desfiles, como para exercer a disciplina a fim de desenvolver o sentimento de coesão, reflexos de obediência, constituindo uma verdadeira escola de disciplina.

O objetivo único da instrução de ordem unida é a eficácia na liderança e disciplina. No mundo moderno, somente desbravadores bem disciplinados, exercendo um esforço coletivo e combinado, podem vencer. Sem disciplina, um grupo é incapaz de um esforço organizado e duradouro. [...] A Ordem Unida não tem somente por finalidade fazer com que o grupo se apresente em público com aspecto marcial e enérgico, despertando entusiasmo e civismo nos espectadores, mas, principalmente, a de constituir uma verdadeira escola de disciplina e coesão. Exercícios que exijam exatidão e coordenação mental e física ajudam a desenvolver a disciplina. (Manual de Ordem Unida, p. 02).

A ordem unida é, portanto uma forma de vigiar os corpos, tornando-os *alinhados, dispostos, disciplinados, obedientes, padronizados, fortes e hábeis*, num sistema de condicionamento e vigilância que pune os menos adestrados e como forma de penalizar os ruins e valoriza os excelentes.

Pensar sobre as práticas militares exercidas por este grupo chamou nossa atenção, pois, características como a postura, o fardamento, as marchas, os agrupamentos, os testes de resistência, a participação nos momentos cívicos, continências, são utilizados, porém não contextualizados para os desbravadores. Assim, todo o cenário que compõe os eixos da militarização, integrado ao contexto religioso no qual tais elementos são protagonizados, nos fez investigar sobre as intenções de tais usos.

Podemos então classificar a *ordem unida* como um sistema preciso de comando, no qual a ordem não precisa ser explicada, devendo bastar apenas uma sinalização para que o aluno reaja a ele, em obediência ao código pré-estabelecido, os corpos assim são colocados num pequeno mundo de sinais a cada um dos quais está ligado a uma resposta obrigatória.

Técnicas de sujeição no qual de acordo com Foucault, *fabricam* um corpo *treinado, articulado, comandado* por movimentos *precisos e perfeitos*, alvo principal



almejado pelos agentes disciplinadores. Objetiva-se então um corpo trabalhado, suscetível a operações, manipulado pela autoridade, transformado em corpo *útil*.

Desta forma, para garantir o êxito do aprendizado da subordinação, a criança é guiada desde o princípio para que desenvolva as habilidades que serão exigidas dela posteriormente. Neste sentido, a identidade, assim como a diferença aqui são vistas enquanto sujeitas às relações de poder, sendo impostas, disputadas. A normatização então é utilizada então enquanto forma de estabelecer um parâmetro para que as outras identidades possam ser avaliadas e hierarquizadas. (TADEU, 2000).

A ideia de realizar um exercício normatizado, como o é a prática da *ordem unida*, leva-nos a perceber a intenção do clube de produzir indivíduos *assujeitados*, através do uso da hierarquia e da autoridade *normatizadora*, onde vemos o exemplo do uso do poder disciplinar como meio de *adestrar* o indivíduo. (FOUCAULT, 2014).

A partir do conceito de *militarização da infância*, a historiadora Rosa Fátima de Souza (2000) desenvolveu um estudo sobre as práticas de natureza patriota e cívico-militar que predominaram no ensino primário em São Paulo no início do século XX, denominando-as como práticas de militarização. A autora nos mostra como no final do século XIX no Brasil, a educação popular foi usada como um instrumento de reforma social, no qual, através da abertura de escolas públicas, e da inclusão da ginástica e da cultura ao civismo, o governo objetivou promover o desenvolvimento físico, intelectual e moral do cidadão.

Podemos perceber tal apropriação realizada pelo clube que, utilizando então práticas e disciplina militar, através de atividades de desenvolvimento físico, mental e moral, além do uso de saudações, uniformes, regras, ordem unida entre outras práticas, mantem o controle desde a infância, visando potencializar seu desenvolvimento, criando uma geração, forte e saudável.

Vemos então uma cristianização da ideia de *militarização da infância*, pois, de acordo com a concepção adventista, o cristão possui uma dupla cidadania, uma vez que o adventista se considera um cidadão passageiro nesta terra, devendo prepara-se constantemente para ser um cidadão dos céus, através de suas práticas devocionais, como o cuidado com o corpo e a disciplinarização das vontades.

Desta forma o clube de desbravadores cumpre sua missão exercendo a orientação e a necessária sobre seus integrantes, na intenção de torná-los agentes ativos na missão de pregar: “a mensagem do advento a todo mundo em [sua] nossa geração”.

Percebemos então, que os símbolos fazem parte do cotidiano do desbravador e colaboram para a formação do sentimento de pertença ao grupo, fazendo com que seus membros tenham a sensação de participar de um projeto maior, que transcende as barreiras físicas do mundo material. Tal misticismo é alimentado justamente pela narrativa escatológica da história adventista, de que eles são apenas passageiros neste mundo, e sua missão é atuar no exército da salvação, apressando assim o segundo retorno de Jesus.

Neste sentido, vários juvenis e adultos têm aderido ao clube de desbravadores, colaborando assim, para a consolidação deste projeto, que se organiza em torno de uma visão do mundo no qual o corpo, os gestos, todas as ações devem ser disciplinadas a fim de normatizar o corpo tornando-o apto para resistir aos acontecimentos dos últimos dias conforme abordaremos no tópico a seguir.

## 2.2 “Amar, Aguardar, Anunciar e Apressar”: A Missão Do Desbravador na Escatologia Adventista

Veem que precisam sacrificar-se a fim de separar-se do mundo; e, depois de calcular o custo, consideram tudo como perda se tão-somente puderem ganhar a Cristo. Alistaram-se em Seu exército. Acha-se perante eles a luta e nela entram valorosa e alegremente, combatendo suas inclinações naturais e desejos egoístas, submetendo a vontade a de Cristo. (...) Os jovens devem buscar mais fervorosamente a Deus. Aproxima-se a tempestade e precisamos aprontar-nos para sua fúria mediante arrependimento para com Deus e fé em nosso Senhor Jesus Cristo. O Senhor Se levantara para sacudir terrivelmente a Terra. Veremos aflições por todos os lados. O fim está perto, a graça está a terminar. Oh! Busquemos a Deus enquanto Se pode achar, invoquemo-Lo enquanto está perto! Diz o profeta: Voltem para Deus todos os humildes destes pais, todos os que obedecem as leis de Deus. Façam o que é direito e sejam humildes. “Talvez assim vocês escapem do castigo no dia da ira do Senhor.” Sofonias 2:3. (WHITE, 2004: 74-90).

A citação acima nos fala acerca do principal objetivo da intervenção que a igreja e o sistema de educação adventista pretendem exercer sobre seus seguidores. A partir de uma interpretação teológica da história, a IASD construiu sua narrativa em torno do aguardo da segunda volta de Cristo, evento para o qual o cristão deve se preparar durante toda a sua vida, por meio do estudo da Bíblia, da renúncia das coisas da carne e da busca incessante pela santificação.

Além disto, eles veem como necessária uma preparação para o *fim dos tempos*, período em que será necessário guerrear contra as *forças do mal*. Segundo as profecias bíblicas este será um momento de *acontecimentos catastróficos* no qual o povo de Deus será perseguido e posto a prova. Por este motivo, a igreja direciona todos os esforços para a preparação de seus fiéis e para a propagação da *mensagem*<sup>24</sup> de redenção, condição indispensável para que ocorra o advento.

Diante disto, ao indagarmos sobre quais as estratégias a identidade adventista é elaborada, questionamos também acerca de como a concepção de *fim de mundo* e a ideia do *temor apocalíptico* direciona a construção desta identidade, aja vista a questão

<sup>24</sup> Para os adventistas do sétimo dia, o segundo retorno de Cristo a Terra acontecerá quando todas as nações da Terra conhecerem a mensagem cristã. Desta forma, eles também se consideram enquanto um povo escolhido por Deus e responsáveis por levar essa mensagem de salvação a todo o mundo.

do advento ser de tamanha importância que está no nome da instituição, ou seja, o *ser adventista* é marcado por dois eixos principais: a guarda do sábado como dia de descanso, e a espera a *segunda volta de Jesus Cristo* a Terra.

Na tentativa de responder tais questões, foi necessário, a princípio, voltarmos o olhar para o período de surgimento da Igreja Adventista, bem como a importância dos escritos de sua profetiza, Ellen Golden White, co-fundadora desta denominação e autora de suas principais doutrinas, investigando o seu contexto histórico, bem como os elementos que serviram de base para o desenvolvimento deste grupo.

Ao realizarmos tal tarefa, pudemos observar que os elementos identitários elaborados por White e sua pregação a uma rejeição da cultura americana, pretendeu promover a igreja adventista enquanto um movimento de contracultura, frente ao panorama cultural e protestante do século XIX.

Em suas obras, White elabora um projeto de resgate aos princípios divinos de conduta, pois, a crença no segundo retorno da vinda de Cristo a terra, argumento fundador da igreja adventista, exigia de seus fiéis uma preparação, constante vigilância e a missão de pregarem ao mundo a mensagem da salvação para assim, serem salvos e subirem aos céus conforme exposto por ela:

Em sentido especial foram os adventistas do sétimo dia postos no mundo como atalaias e portadores de luz. A eles foi confiada a última mensagem de advertência a um mundo a perecer. Sobre eles incide maravilhosa luz da Palavra de Deus. Confiou-se-lhes uma obra da mais solene importância: a proclamação da primeira, segunda e terceira mensagens angélicas. Nenhuma obra há de tão grande importância. Não devem eles permitir que nenhuma outra coisa lhes absorva a atenção. (WHITE, 2012, p. 288).

Ao adentrarmos nas obras de Ellen White vemos que sua narrativa é toda marcada pelos acontecimentos de seu contexto. Nascida em Goshan, no estado de Maine, EUA, no ano de 1827, White viveu num período em que os Estados Unidos experimentavam grandes mudanças estruturais no país. A expansão para o Leste, a criação de novos estados como Arkansas, Michigan, Iowa, Flórida, um relevante crescimento populacional, a chegada de imigrantes, as transformações advindas da Revolução Industrial e conseqüente movimento de modernização do país, entre outras mudanças marcaram aquele período (ARAÚJO, 2011).

De acordo com Silva (2006) o adventismo surge nos Estados Unidos em meados do século XIX, num contexto de influência do americanismo e do romantismo europeu.

O período que se sucedeu pós a Segunda Guerra de Independência (1812-1814), bem como o processo de conquista do Oeste, teve como pensamento propulsor a ideia do *Destino Manifesto*, que consistia na crença de que a conquista de novas terras seria a concretização da promessa divina para os imigrantes, que se intitulavam enquanto o povo escolhido por Deus para habitar a terra prometida, tendo como missão espalhar a mensagem de salvação nessa nova Terra.

Tal crença incentivou e justificaram muitas das campanhas expansionistas e a subjugação dos povos nativos, as conquistas serviram também para testificar esse destino glorioso dado por Deus ao povo americano. Silva associa o nascer do Novo Oeste ao surgimento do movimento religioso denominado de o *Segundo Grande Despertar*, no qual a disponibilidade de novas terras e os deslocamentos populacionais em função da industrialização e do crescimento urbano fomentou o desenvolvimento de pregadores de um messianismo.

Segundo ele, os habitantes do Oeste tinham uma consciência muito mais nacionalista por não terem recebido tanta influência assim da Europa, com isso, o sentimento de eleição, de exclusivismo, próprios do calvinismo, tiveram grande impacto sobre essa população que desenvolveu uma religião muito mais emocional, contribuindo assim para o surgimento na crença no *milenarismo secular*, pensamento que se difundiu nas igrejas norte-americanas, impulsionando-as inclusive a realizar missões em terras estrangeiras, confirmando com isto, a ideia da América do Norte ter sido escolhida por Deus para espalhar a mensagem do evangelho, além de legitimar sua superioridade com relação à Europa e demais nações. (SILVA, 2006).

A Igreja Adventista do Sétimo dia então se organizou a partir de 1844, após o surgimento do *Movimento Millerita*, um período de reavivamento espiritual propagado por Willian Miller (1782-1849). Neste período de “*Despertar Espiritual*”, vivenciado pelos EUA, ocorreram as *Camps Meetings* (reuniões campais), que consistiam em grandes ajuntamentos e reuniões feitas por pregadores itinerantes que propagavam a existência de um fim iminente, exortando as pessoas a se arrependem de seus pecados e aguardarem o retorno de Jesus Cristo a Terra. (ARAÚJO, 2011).

Willian Miller (1782-1849), norte-americano, ex-combatente do exército, tornou-se um dos maiores pregadores do iminente retorno de Jesus na época. Após um estudo aprofundado das profecias do livro de *Daniel*, Miller passou a acreditar que a segunda volta de Jesus aconteceria por volta de 1843 e 1844. Após 13 anos de

pregações, ele conseguiu conquistar vários adeptos a sua mensagem, muitos saíram de suas igrejas e uniram-se a ele na propagação do adventismo em vários estados americanos. Entre os cristãos que aceitaram a mensagem estava Ellen G. Harmon e sua família.

Chegado o dia 22 de outubro de 1844, data escolhida para o retorno de Jesus pelos *Milleritas*, e não acontecendo o esperado, o grupo viveu um período de decepção conhecido como “*Grande Desapontamento*”, o que ocasionou grande dispersão do movimento, muitas pessoas haviam se dedicado inteiramente a preparação para subir aos céus, com isso, muitos abandonaram seus empregos e venderam suas propriedades. Cerca de 50.000 pessoas aderiram ao adventismo na época (WHITE, 2012).

Assim, o sentimento de desapontamento levou um pequeno grupo a estudar novamente as mensagens proféticas contidas nos livros de Daniel e Apocalipse para identificar os possíveis erros de suas interpretações. Este grupo, formado por José Bates, Ellen Gold Harmon e James White, seu futuro esposo, buscando dar um sentido ao acontecimento de 1844, construíram para si um painel histórico-profético baseados nas profecias desses livros, elaborando uma série de doutrinas dando origem assim a IASD.

Eles constataram que o erro na interpretação da profecia de *Daniel* 8:14<sup>25</sup>: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs e o santuário será purificado” não estava na data e sim no acontecimento, a profecia não tratava do segundo retorno de Jesus, como pregado por Miller, e sim de seus trabalhos de sacerdócio no santuário celestial.

A partir de estudos mais aprofundados da Bíblia, este grupo desenvolveu no período de 1844-1848, o que a princípio consistiu num corpo doutrinário básico que deu origem a Igreja Adventista do Sétimo dia. Entre elas a crença da Bíblia como regra de fé, a imutabilidade da Lei dos dez mandamentos e, conseqüentemente, a guarda do sábado como dia de descanso, além da crença no retorno físico de Jesus e o seu ministério sacerdotal no santuário celestial após 1844 (DICK, 2007).

De acordo com Schunemann (2006), a figura de Ellen White, bem como o discurso por ela proferido, fora decisivo para a fomentação de elementos formadores de uma identidade para a IASD, sendo considerada como agraciada por Deus com o *Dom de Profecia*<sup>26</sup>, suas revelações conferiram credibilidade às teses e doutrinas elaboradas

---

<sup>25</sup> Para todas as citações feitas da Bíblia utilizamos: *Bíblia Thompson*, trad.: João Ferreira de Almeida, São Paulo: VIDA, 1990.

<sup>26</sup> Seus escritos são considerados como uma “luz menor” a ser seguida, depois da Bíblia para os adventistas que a veem enquanto uma profetiza devido à crença no chamado: *Dom de Profecia*. “Por dom

pelo grupo que deu origem a Igreja Adventista. Para eles: “o dom de profecia manifestou-se ativamente no ministério de Ellen G. White, co-fundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Foi-lhe concedida instrução inspirada da parte de Deus, em favor de Seu povo dos últimos dias” (SUARÉZ, 2012, p. 43).

Assim, o quadro profético e escatológico adventista se mantém com credibilidade justamente por ser apresentado enquanto uma continuidade histórica, a partir de que estamos entre o tempo escatológico e o tempo histórico, sendo possível interpretar cada acontecimento histórico enquanto uma confirmação das profecias. Essa historicidade se consolida devido à necessidade ou intenção de conferir certa racionalidade as suas interpretações bíblicas (SHUNEMMAN, 2006).

As contribuições teológicas dadas por White ao corpo doutrinário adventista, também passaram pelo campo da Santificação. Para ela, “a santificação exposta nas Sagradas Escrituras tem que ver como ser todo; as partes espiritual, física e moral”. (WHITE, 2006.p. 8). Tal processo ocorre de forma holística, o corpo físico neste caso, deve refletir a condição do ser humano em todas as esferas.

Assim, a Igreja Adventista realizou diferentes apropriações das orientações prescritas por Ellen White. A edição e divulgação de sua literatura, o envio de missionários a outras localidades, bem como o desenvolvimento de um sistema de ensino, foram algumas das estratégias utilizadas para espalhar a doutrina adventista aumentando assim o número de seguidores em todo o mundo.

No tocante a educação, este fora um campo no qual a Igreja Adventista investiu tardiamente, uma vez que sua atenção voltava-se para o aguardo do retorno de Jesus em 1844 e, por isso, a instrução no saber secular não era considerada tão importante assim.

Porém, passado o *Grande Desapontamento*, as famílias, ao retomarem o curso normal do cotidiano, permitiram que seus filhos frequentassem a escola, no entanto, os adventistas perceberam que as escolas regulares ensinavam conhecimentos que conflitavam com seus preceitos, despertando, assim, a necessidade de estabelecer escolas e institutos de ensino dirigidos por líderes da igreja.

---

profético entende-se a alegação de revelações especiais de Deus. Tais “revelações” muitas vezes aconteciam através de sonhos e visões. Estas visões, muitas vezes aconteciam na companhia de outras pessoas. Era possível receber sonhos contendo mensagens especiais enquanto ela dormia a noite. Apesar da igreja adventista do sétimo dia aceitar como uma mulher que tinha o dom profético com uma mensagem para os últimos dias pode-se encontrar também aqueles que discordam de tal posição e se tornaram críticos de Ellen G. W.” (ARAÚJO, 2011, p. 47).

As crianças podem ser preparadas para o serviço do pecado ou para o serviço da justiça. A educação em tenra idade molda-lhes o caráter tanto na vida secular, como na religiosa. Diz Salomão: “Instrui o menino no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele.” Esta linguagem é positiva. O ensino recomendado por Salomão é dirigir, educar e desenvolver. (WHITE, 2007, p. 2).

A esta necessidade de instruir as crianças no caminho do bem, alia-se a necessidade de preparação do cristão para o tempo do fim, pois, dentro da escatologia elaborada por White. Segundo ela este período será de intensas guerras e *decadência*, e o povo de Deus, neste caso, os guardadores do sábado, será perseguido, sendo responsabilizado por todos os males sofridos pela sociedade.

Para White os eleitos, por não renunciarem a guarda do sábado, selo de Deus para os adventistas, terão que fugir para lugares remotos, a fim de não sofrerem com a violência e ira da sociedade e do governo.

Quando o decreto promulgado pelos vários governantes da cristandade contra os observadores dos mandamentos lhes retirar a proteção do governo, abandonando-os aos que lhes desejam a destruição, o povo de Deus fugirá das cidades e vilas e reunir-se-á em grupos, habitando nos lugares mais desertos e solitários. Muitos encontrarão refugio na fortaleza das montanhas. (...) Os amados de Deus passarão dias penosos, presos em correntes, retidos pelas barras da prisão, sentenciados a morte, deixados alguns aparentemente para morrer a fome nos escuros e nauseabundos calabouços. (WHITE, 2013, P. 545-546)

Vemos, portanto, que mediante os suplícios profetizados por White, se faz necessário à preparação de um grupo que resista física e espiritualmente às adversidades dos últimos dias. Diante disto, percebemos a criação do Clube de Desbravadores como uma maneira elaborada pela IASD a fim de preparar seus fiéis para viverem estes acontecimentos.

A partir dessa profecia, se faz necessário à preparação de um grupo que resista física e espiritualmente às adversidades dos últimos dias. Diante disto, percebemos que todo o treinamento e aspectos militaristas praticados no Clube de Desbravadores, são usados como uma estratégia adotada pela IASD a fim de preparar líderes para ajudar o povo de Deus a viverem estes acontecimentos.



A partir das recomendações deixadas por Ellen White, no tocante ao desenvolvimento intelectual, cultural e físico, a IASD vislumbrou na criação do clube justamente um meio para habilitar os desbravadores para serem líderes do povo remanescente no tempo de fim, oferecendo tal treinamento enquanto uma alternativa recreativa, traduzindo assim para as crianças os principais fundamentos da igreja adventista. Objetivo que é perseguido pelos líderes que tomam os ensinamentos dela e os aliam a conteúdos práticos para serem ministrados para as crianças.

Podemos observar este compromisso ao analisarmos o *hino* dos desbravadores, elaborado em 1949 por Henri Berg, no qual trás explicitamente esta missão do desbravador na pregação do evangelho a todo mundo a fim de apressar a segunda vinda de Cristo conforme descrito a seguir:

*“Oh, we are the Pathfinders strong  
The servants of God are we  
Faithful as we march along  
In kindness, truth and purity.  
A message to tell to the world  
A truth that will set us free  
King Jesus the Saviour’s  
Coming Back for you and me.”*

*“Nós somos os Desbravadores  
Os servos do Rei dos reis  
Sempre avante assim marchamos  
Fies às suas Leis.  
Devemos ao mundo anunciar  
As novas da salvação  
Que Cristo virá em breve  
Dar o galardão.”*

O caráter militar do clube pode ser observado em vários de seus elementos identitários a exemplo do uso do uniforme, a execução da ordem unida, as marchas, bem como o hino, no qual eles afirmam estarem em marcha na Terra, a serviço da pregação do evangelho conforme idealizado por White.

Ao empenhar-se na pregação da mensagem adventista como um fiel soldado na batalha contra as forças do mal, o desbravador assume o papel idealizado por Ellen White para os adventistas de atuarem como porta vozes de Deus na Terra apressando assim sua vinda.

Outro elemento simbólico onde podemos constatar o compromisso dos desbravadores para com a atividade proselitista está em sua saudação. Semelhante à continência utilizada por militares para reverenciar as autoridades, os desbravadores utilizam uma saudação chamada *Maranata*.



**Figura 17: Saudação Maranata**

Fonte: [www.desbravadores.org.br](http://www.desbravadores.org.br) Acesso em: Março de 2017

Esta saudação é utilizada em diversas ocasiões entre os desbravadores, dentre elas a de cumprimentar uns aos outros, como também na execução da ordem unida quando é necessário alinhar a unidade, ou passar o comando da mesma para o instrutor geral. Esse ritual se assemelha ao praticado pelos grupos militares que são postos em forma e comandados por seus superiores na hierarquia militar.

Quando utilizada pelo instrutor para o pelotão completo, é realizado um jogo de perguntas e respostas no qual o instrutor ao falar: – *Maranata!* Prontamente os desbravadores em posição de sentido erguem sua mão direita conforme ilustrado na imagem acima, e respondem – *O Senhor Logo vem!* Que é o significado desta palavra. O instrutor retruca: *E nós o veremos!* Enquanto o grupamento responde em uma só voz: *Amém!*

A escolha desse gesto possui uma função pedagógica também, uma vez que para cada elemento foi atribuído um significado. Na posição da mão, cada um dos dedos representam os 4 A's da palavra *Maranata* que simbolizam as quatro atitudes que o desbravador não pode esquecer, são eles:

*Amar:* Amar a Deus e a sua mensagem.

*Anunciar:* A mensagem do advento a todo o mundo.

*Aguardar:* A Segunda Vinda de Cristo a Terra preparando-se para encontra-lo.

*Apressar:* A vinda de Jesus Cristo através da propagação de sua mensagem.



**Figura 18: Os 4 A's da Saudação Maranata.**  
 Fonte: [gavioesdonorte.blogspot.com.br](http://gavioesdonorte.blogspot.com.br) Acesso em: Março 2017.

O dedo polegar curvado simboliza o desbravador de joelhos, posição que faz alusão à necessidade de estar em constante vigilância e obediência a Deus. Assim a utilização da saudação Maranata se configura em uma maneira de lembrar ao desbravador sobre o amor de Deus e os preceitos adventistas bem como seu papel dentro da narrativa escatológica, que é de pregar a mensagem do advento ao mundo, conforme esboçado também em seus ideais: “**Nosso alvo:** A mensagem do advento a todo mundo em minha geração. **Nosso Lema:** O amor de Cristo me motiva. **Objetivo:** Salvar do pecado e guiar no serviço”<sup>27</sup>.

<sup>27</sup> Ideais dos Desbravadores p. 1-2. Disponível em: [www.universodesbravador.com.br](http://www.universodesbravador.com.br) Acesso em Março 2017.

A narrativa escatológica está na base à criação da Igreja Adventista do sétimo dia e desta forma perpassa seus demais programas conferindo um sentido e um propósito a todas as ações empreendidas por estes. No caso do Clube de desbravadores esta crença se manifesta nos mínimos detalhes de sua constituição, sendo posta continuamente frente a seus integrantes.

Sobre essa temática, o estudo das narrativas do fim do mundo, elaboradas pelos diferentes grupos sociais, tem nos permitido analisar as atitudes humanas face ao tempo e a História, seja na esfera individual ou coletiva. Muitos são os sentimentos que envolvem as narrativas escatológicas através dos quais podemos compreender os mecanismos da evolução das sociedades, bem como o papel das mentalidades na formação das estruturas sociais e dos sentimentos coletivos na história. (LE GOFF, 1990).

A escatologia neo-testamentária então, foi se aperfeiçoando através dos relatos de natureza profética, que descreviam os acontecimentos dos últimos tempos baseados na relação dos escritos do Novo Testamento, a exemplo do *Apocalipse de S. João*, e livros do Velho Testamento como o livro de *Daniel*. A crença de um reino messiânico foi transmitida para os cristãos através do *Apocalipse* de João (cap. 20), texto em que o apóstolo relata que o anjo de Deus acorrentará Satanás por mil anos e os justos ressuscitarão e reinarão com Deus sobre a terra por mil anos.

Alguns autores medievais a exemplo de São Justino (150), São Irineu (180), aderiram ao *milénarismo*, seguidos de Santo Agostinho que de início aceitara as ideias milenaristas, mais posteriormente, as denuncia em sua obra *A Cidade de Deus*, (cap. XX), pois, Agostinho considera que os últimos tempos, o último período da História, não será um reino de Deus com seus fiéis no céu, seguido do seu triunfo eterno nesta Terra sobre as forças do mal. Ele defende que o reino de Cristo será na Terra, quando a *Cidade Terrena* será substituída pela *Cidade Celeste*. Para Agostinho, toda história é divina, cada evento fala a Deus que transmite muitas vezes de forma contraditória, porém, há um propósito maior que está acima de todos os acontecimentos. (DELUMEAU, 1997).

Jean Delumeau (1997) coloca a Igreja Adventista do sétimo dia no rol dos grupos cristãos que interpretam a narrativa do tempo do fim conforme descrita em *Apocalipse 20* em seu sentido literal que prosseguiu no século XIX e ainda tem adeptos atualmente, grupo que ele denomina de *Milenaristas tradicionais*.

Desta forma, a busca por uma perfeição de caráter, deve ser motivada pela volta de Jesus e pelo juízo que será realizado antes da sua vinda. O cristão deve estar sempre avançando em santificação, pois, de acordo com esta crença, da mesma maneira que Cristo enfrentou provações e, passou por um tempo de angústia, vencendo as tentações de Satanás, os fiéis que viverão as provações dos últimos dias, também alcançarão essa vitória.

Satanás nada pode achar no Filho de Deus que o habilitasse a alcançar a vitória. Tinha guardado os mandamentos de Seu Pai, e não havia nele pecado que Satanás pudesse usar para a sua vantagem. Esta é a condição em que devem encontrar-se os que subsistirão no tempo de angustia (WHITE, 2006, p. 623).

Além das narrativas escatológicas outros aspectos importantes trabalhados nos escritos de Ellen White, a exemplo dos cuidados com o corpo através da recusa aos excessos na alimentação, do abandono de vícios e da adoção de uma dieta vegetariana. White aponta que o processo de santificação também abarca o controle desta esfera da vida cotidiana.

Em seu livro *Uma história do Corpo na Idade Média*, Jacques Le Goff e Nicolas Truong (2006) apontam que o cristianismo foi o grande responsável por uma reviravolta ideológica que mudou a percepção acerca do corpo.

No período considerado enquanto *Antiguidade Tardia*, por volta dos séculos I e II, a depreciação corporal e sexual já estavam presentes na filosofia moral da antiguidade, porém, o cristianismo deu um impulso mais forte a essa repressão, que fora endossada por seus principais teóricos como Jerônimo, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino entre outros. Com a institucionalização do cristianismo no ocidente, o pecado original fora transformado em pecado sexual por meio de um sistema de símbolos que associaram posteriormente a história da entrada do pecado no mundo ao pecado da gula e da luxúria, pecados da boca e pecados da carne passaram a andar de mãos dadas.

Esses esquemas de pensamento elaborados durante a Idade Média chegaram até nossos dias, reelaborados em grande parte, porém, mantendo ainda alguma essência, uma vez que a Bíblia, que serviu de base para tais interpretações, é utilizada como fonte de saber maior pelas religiões de matriz cristã. Vemos na fala de White uma reminiscência da teoria da *queda* do homem desenvolvida no medievo conforme podemos conferir:

Em virtude da tentação de condescender com o apetite, Adão e Eva, no princípio, caíram de seu elevado, santo e feliz estado. É por meio da mesma tentação que a raça se tem enfraquecido. Tem permitido que o apetite e a paixão tomem o trono, e ponham em sujeição a razão e o intelecto. Eva foi intemperante em seus desejos quando estendeu a mão para apanhar o fruto da árvore proibida. A satisfação própria tem reinado quase suprema no coração de homens e mulheres desde a queda. Especialmente o apetite tem sido tratado com condescendência, e eles têm sido por ele regidos em lugar da razão. Por amor de satisfazer o paladar, Eva transgrediu o mandamento de Deus. Ele lhe dera tudo quanto suas necessidades requeriam, todavia ela não estava satisfeita. (WHITE, 2006, p.14)

A tradição de associar a queda do primeiro homem ao pecado da gula, bem como a realização de um regime alimentar como forma de santificação, já vinha sendo praticada desde a idade média, segundo Le Goff (2006), essa prática fora executada por alguns monges eremitas, que desenvolveram um regime alimentar específico: primeiro se abstinham de carne, depois de peixes passando a adotar uma dieta baseada em legumes, ervas e frutas, na tentativa de aproximar-se mais da imagem do Éden.

Em seu contexto Ellen White também fez a associação da prática do regime alimentar como forma de por em prática o plano original de Deus para a humanidade:

E nossa única esperança de reaver o Éden está no firme domínio próprio. Se o poder da condescendência com o apetite era tão forte sobre os homens que, para lhe quebrar a garra, o divino Filho de Deus, em favor do homem, teve de suportar um jejum de quase seis semanas, que tarefa se apresenta ao cristão! Entretanto, por grande que seja a luta, ele pode vencer. O apetite e as paixões precisam ser restringidos e postos sob o domínio de uma consciência esclarecida, de modo que o intelecto seja preservado, claras as faculdades perceptivas e os manejos de Satanás e seus ardis não sejam interpretados como providências de Deus. Muitos desejam a final recompensa e vitória que são dadas aos vencedores, mas não estão dispostos a sofrer labuta, privação e renúncia do próprio eu, como fez seu Redentor. É somente mediante obediência e esforço contínuo que venceremos como Cristo venceu. (WHITE, 2006, p. 20-21).

Nessa perspectiva, vemos que pensar a escatologia é também pensar as origens, pois, mesmo tendo como objetivo o *fim do mundo*, a tradição escatológica também se constrói muitas vezes, fazendo referência às origens, implícita ou explicitamente.

A escatologia judaico-cristã tem construído relações estritas com o *mito da criação*, mediante a crença de que quando o fim for estabelecido, este mundo destruído pelo pecado será substituído por um mundo perfeito, ligando assim a história do fim do mundo a dos *mitos paradisíacos*. A origem, portanto, não está apenas num passado mítico, mas também num futuro imaginado.

Na teoria de santificação elaborada por White, através da *disciplinarização* de seus hábitos e da adequação de suas vontades a vontade de Deus, o cristão deverá preparar-se aqui na Terra, para habitar o céu. O mito adâmico então serve enquanto exemplo, para que o indivíduo possa colocar em prática o mesmo estilo de vida e obediência de Adão e Eva no Éden antes da queda, a fim de adaptar-se aqui na Terra ao estilo de vida no paraíso.

Os mitos da *origem* e da *queda* passaram a ser associados ao pecado sexual, bem como o da gula, e a Igreja Adventista seguiu a tradição de que a purificação da alma através da rejeição dos prazeres da carne seria uma maneira de retornar as origens, ao plano de Deus para o seu povo.

Desta forma a prática de um regime alimentar equilibrado, bem como o uso da temperança em todos os aspectos da vida, mas principalmente com relação aos hábitos alimentares, faz parte do corpo doutrinário adventista.

Em virtude disto, no clube de desbravadores foram incorporadas especialidades, no qual existe uma área específica chamada: *Ciência e Saúde* que trabalha conteúdos relacionados aos cuidados com o corpo e noções de nutrição e temperança.



**Figura 19: Manuais de Especialidades.**

Fonte: [museudodesbravador.blogspot.com](http://museudodesbravador.blogspot.com) Acesso em Março 2017

O clube faz o uso de histórias exemplares como é o caso da história do profeta Daniel e seus três amigos, que conforme a história narrada na Bíblia, ele e seus amigos recusaram-se a se alimentar das carnes e comidas impuras do rei, mantendo uma dieta vegetariana equilibrada, resistindo às tentações. Em virtude disso, os 4 rapazes eram os mais sábios entre todos os povos da Babilônia e tornaram-se conselheiros do Rei Nabucodonosor<sup>28</sup>. A partir deste exemplo as crianças então são ensinadas a adotarem hábitos mais saudáveis, como uma maneira de iniciarem a observância dos princípios de saúde da Igreja Adventista.

Tendo o Regime alimentar como forma de controlar as vontades, subjugar o corpo a vontade de Deus, White acredita que esta é uma das formas de honrar a Deus com o corpo bem como voltar a receber os benefícios dados ao homem por seu criador, que consiste na cura e na manutenção da saúde através dos alimentos. É por meio deste cuidado que faz com que o indivíduo coopere com o plano de Deus para sua salvação, pois:

O selo de Deus está sobre nós. Ele nos comprou e deseja que lembremos que nossas faculdades físicas, mentais e morais Lhe pertencem. [...] O corpo, o tabernáculo do espírito, pertence a Deus. Seus são todos os tendões, todos os músculos. Em caso algum nos devemos, por negligencia ou abuso, enfraquecer um único órgão. Cumpre-nos cooperar com Deus, mantendo o corpo na melhor condição possível de saúde, para que possa ser o templo em que habite o Espírito Santo, moldando, segundo a vontade de Deus, todas as faculdades físicas e espirituais. (WHITE, 2004, p. 64).

Desse modo, o processo de santificação segundo ela, envolve o perdão dos pecados mediante o sacrifício de Jesus, aliado a um processo de renúncia e busca contínua pelo aperfeiçoamento do corpo e do caráter.

Outro aspecto que rege a teoria do *cuidado com o corpo* e da Reforma de *saúde* elaboradas por White, é a crença de que nos últimos tempos, o povo de Deus será perseguido, e para não sofrerem os terríveis suplícios de seus opressores, eles terão de fugir das cidades, sendo necessário buscarem abrigo em lugares distantes e longínquos para escapar da fúria de seus inimigos:

Os que honram a lei de Deus têm sido acusados de acarretar juízos sobre o mundo, e serão considerados como a causa das terríveis convulsões da Natureza, da contenda e carnificina entre os homens,

---

<sup>28</sup> (Cartão de classe – Amigo. disponível em: [universododesbravador.com.br](http://universododesbravador.com.br) Acesso: Maio 2016 )



coisas que estão enchendo a Terra de pavor. O poder que acompanha a última advertência enraiveceu os ímpios; sua cólera acende-se contra todos os que receberam a mensagem, e Satanás incitara a maior intensidade ainda o espírito de ódio e perseguição. (WHITE, 2006, p.614-615).

Em sua obra *Eventos Finais* (2004), White profetizou que o *povo de Deus*, neste caso, os guardadores do sábado, seria perseguido, sendo responsabilizado por todos os males sofridos pela sociedade.

A autora afirma que no tempo do fim, haverá uma união entre o catolicismo e a maioria das igrejas protestantes que juntamente com os Estados Unidos (o país juntamente com o papado são considerados enquanto a Besta e a grande prostituta retratada no livro de Apocalipse) mudarão o dia de descanso e adoração a Deus do sábado para domingo.

Juntos essas entidades imporão o chamado *decreto dominical* que obrigará todas as pessoas a considerarem o domingo como o dia de adoração, acarretando danos contra os guardadores do sábado: “Os que honram o sábado bíblico serão denunciados como inimigos da lei e da ordem, como que a derribar as restrições morais da sociedade, causando anarquia e corrupção, e atraindo os juízos de Deus sobre a Terra” (WHITE, 2007 p. 516).

Logo, como para os adventistas, os cristãos *apostatados* são os que guardam o domingo, nada melhor para “Satanás” do que impor pela lei que todos guardem o domingo. A lei dominical gerará a perseguição aos *fiéis sabbatistas*, e então Cristo intervirá na história mostrando que os *sabbatistas* estão absolutamente corretos em guardar o sábado e todos os demais estão condenados à morte eterna. (SCHUNEMANN, 2009, p. 08-09). Para White (2013: 356).

Como o sábado se tornou o ponto especial de controvérsia por toda a cristandade, e as autoridades religiosas e seculares se combinarão para impor a observância do domingo, a recusa persistente de uma pequena minoria em ceder à exigência popular, fara com que aproximando-se o tempo de angústia esta minoria seja objeto de ódio universal. Insistir-se-á em que os poucos que permanecem em oposição a uma instituição da igreja e lei do Estado, não devem ser tolerados; que e melhor que eles sofram do que nações inteiras sejam lançadas em confusão e ilegalidade.

A partir deste debate, vemos que, a doutrina do corpo, do domínio de si, elaborada por White ganha todo um sentido dentro de sua narrativa escatológica.

Os *fiéis* que vivenciarem as angústias dos últimos dias precisarão, portanto, ter um bom condicionamento físico, pois, quando o movimento de *perseguição* aos guardadores do sábado for iniciado, estes terão que abandonar as cidades para se esconder e não serem presos e condenados por desacatarem a autoridade do estado e da igreja dominante, neste caso, a Igreja Católica.

Como desde o *Grande Despertamento* os adventistas aprenderam que não há como precisar o dia exato que essas coisas irão acontecer isso requer do fiel uma posição de constante vigilância e preparo para poder resistir às tentações desses dias.

Mediante o desfecho dos últimos tempos narrados por White, podemos compreender os motivos pelos quais a disciplina do corpo e do tempo, é abordada em suas obras com tanta veemência.

A disciplina e o regramento do corpo é algo pretendido pela IASD como um meio de formar uma geração de *fiéis, fortes e saudáveis*, diferenciando-os da sociedade secular que em sua visão, se apresenta cada vez mais *doente, fraca e* dominada pela *intemperança* e os *prazeres da carne*. Para a IASD estes valores devem ser então efetivados, deixando o campo discursivo e passando a ser incorporados nas práticas e hábitos, originando uma nova forma de vida, reforçando assim, os laços de unidade do grupo adventista.

Diante da necessidade de pôr em prática os ensinamentos sobre a preparação para os tempos de perseguição, White escreveu uma série de obras voltadas para a infância e a juventude, visando promover desde o berço a educação necessária, aconselhando a família exercer a influência desde os primeiros passos, preparando a criança para encontrar-se com Deus.

Os que não têm tido nenhum respeito pela ordem e a disciplina nesta vida não respeitarão a ordem observada no Céu. Não poderão ser ali admitidos; pois todos quantos tiverem entrada no Céu amarão a ordem e respeitarão a disciplina. [...] Moldar o jovem na devida maneira requer habilidade e paciente esforço. Especialmente as crianças que vieram ao mundo oprimidas com uma herança do mal, resultado direto dos pecados dos pais, necessitam da mais cuidadosa cultura, a fim de desenvolverem e fortalecerem suas faculdades morais e intelectuais. (WHITE, 1954, p. 144-226).

Neste sentido, faz-se importante entender as táticas utilizadas para incorporação das doutrinas deixadas por Ellen White, ao sistema de práticas, pois, ter indivíduos, capazes de desempenhar suas funções, e fazê-las de modo hierarquizado era o que a IASD necessitava para promover o bom funcionamento da tarefa de pregar e exortar a

sociedade sobre o tempo do fim, logo, o Clube de Desbravadores, torna-se um espaço perfeito para direcionar o adestramento e a subordinação do fiel desde a infância, pois, a criança uma vez educada desde pequena, servirá de exemplo, sendo ainda responsável por conservar os valores tradicionais do grupo no futuro.

Assim, o uso da disciplina realizada no Clube de Desbravadores é utilizado pela IASD enquanto forma de criar um grupo de elite, treinado e disciplinado para resistir às adversidades do fim dos tempos. Mediante o preparo dos seus membros desde a infância, para guardar e propagar a mensagem do advento, a IASD *fabrica* a figura do desbravador enquanto o *adventista por excelência*, que servirá de guia do povo escolhido durante as fugas e perseguições que profetizadas para o tempo de angústia.

Vemos nas atividades realizadas pelos desbravadores, algumas maneiras como eles estão sendo treinados para resistirem à fuga dos últimos tempos e ajudar os demais fiéis a suportarem as tensões da grande perseguição.

Assim, a pregação do regime alimentar, os acampamentos, as especialidades voltadas para a sobrevivência na mata, orientação sem bússola são aliados a um treinamento de resistência física para tornar o desbravador apto a guiar o povo pelas florestas durante a perseguição.



**Figura 30 Acampamento de Desbravadores - Vivo por Jesus**  
Fonte: [embaixadoresdorei.blogspot.com](http://embaixadoresdorei.blogspot.com) Acesso em Maio 2016

A imagem acima retrata uma prova de resistência realizada durante o acampamento para capitães realizado pelo clube *Embaixadores de Cristo*, da cidade de Altamira no Pará. Neste acampamento, eles realizaram atividades recreativas dentre elas a: “*Desbravador de Ferro*” retratado na imagem, que consistiu em um percurso com obstáculos que incluíam atividades como rastejar na lama, subir uma escada de corda dentre outros desafios.

Estas atividades são comuns em gincanas e acampamentos dos desbravadores, os acampamentos geralmente são realizados em locais que proporcionem atividades ao ar livre, e é neste momento que os líderes aproveitam para trabalhar na prática as especialidades relacionadas à sobrevivência como arte de acampar, primeiros socorros, cozinha, construção de abrigos, criação de móveis de acampamento, nós e amarras, orientação na mata dentre outras áreas. Para trabalhar estes conteúdos, os líderes utilizam o material já elaborado pela organização geral dos desbravadores, como também manuais de sobrevivência do exército, instruções dadas pelo corpo de bombeiros dentre outras áreas relacionadas às aventuras ao ar livre.



**Figura 21: Acampamento de Desbravadores. Prova: Desbravador de Ferro**  
Fonte: [embaixadoresdorei.blogspot.com](http://embaixadoresdorei.blogspot.com) Acesso em Maio 2016

Essas atividades são desenvolvidas em sua maioria para o divertimento e instrução das crianças e adolescentes que fazem parte do clube de desbravadores, porém analisando as premissas da igreja adventista bem como as do clube, percebemos que existe uma ligação direta entre a crença no período de perseguições profetizada por White e as práticas de instrução para sobrevivência, empreendidas pelo clube de desbravadores.

Ao pesquisarmos a existência desta correlação, localizamos um texto de orientação elaborado por uma líder de desbravadores no qual ela explica como os clubes devem preparar seus desbravadores para este período de perseguições. Nas palavras dela:

Não adianta falar que o clube de desbravadores não foi criado para preparar para a perseguição. Gerações inteiras cresceram acreditando nisso, até mesmo eu nos meus primeiros anos de desbravadora. Mas não são só as pessoas do clube que se preocupam em estar “preparados para a perseguição”. Já vi igrejas que em todo acampamento fazem uma simulação desse período. (Souza, 2011)<sup>29</sup>

O texto traz uma série de recomendações e de atividades que podem ser utilizadas para criar resistência física entre os desbravadores, entre elas:

Passar uma noite em vigília estudando os livros de Daniel, Isaías e Apocalipse.  
 Conseguir permanecer no mínimo uma hora ajoelhado em comunhão com Deus.  
 Enfrentar chuva ou sol escaldante para dar estudos bíblicos a alguém interessado em conhecer mais da verdade  
 (Em: [www.catinhodaunidade.com.br](http://www.catinhodaunidade.com.br) Acesso em: 02 de outubro de 2014).

A autora também sugere aos líderes que os mesmos devem incentivar o condicionamento físico de seus desbravadores, eles devem “seguir rigorosamente o regime alimentar recomendado por Deus eliminando gorduras, açúcares em excesso e outros alimentos prejudiciais à saúde.” Além do treinamento espiritual, onde de as crianças devem se dedicar ao estudo da bíblia além de “memorizar passagens Bíblicas de conforto e promessas de Deus”<sup>30</sup>.

Vemos que, a preparação das crianças e adolescentes pretendida pela IASD através do clube de desbravadores, se dá não apenas no campo da educação para a vida e no desenvolvimento holístico pregado por White. Ao adaptar os conhecimentos de sobrevivência, resistência, habilidades, desenvolvidos pelo clube dos escoteiros para

<sup>29</sup> [www.catinhodaunidade.com.br](http://www.catinhodaunidade.com.br) Acessado em agosto de 2016.

<sup>30</sup> Ibidem, 2012.

serem praticados pelos desbravadores, a IASD os coloca em um plano muito maior de atuação dentro de sua narrativa escatológica.

Os desbravadores são preparados desde a infância para que no período das perseguições aos sabatistas, estes liderem o povo de *eleito* na fuga das cidades profetizada por White. Por toda sua obra Ellen White sinaliza quais as condutas a serem adotadas, a fim de preparar o cristão para tais acontecimentos.

Sua exortação aos cuidados com a saúde, com o corpo, o aconselhamento para que os cristãos prefiram morar no campo à cidade, bem como a ordem para o que as crianças sejam educadas de acordo com as doutrinas adventistas, tudo isso coaduna com o seu projeto de preparação da igreja para sobreviver aos dias *maus*.

Assim, todo o currículo do clube de desbravadores é voltado para proporcionar esse preparo, mental, espiritual e físico, pois, por conhecerem a doutrina, e saberem as técnicas de sobrevivência, seus conhecimentos serão imprescindíveis para guiar o povo de Deus durante esse tempo de *aflição e angústia* que se abaterá sobre a Terra.

Portanto, em nossa visão a figura do desbravador se configura como o exemplo *ideal* do cristão adventista, uma vez que o programa pretende promover seu desenvolvimento em todas as esferas, físico, mental, moral e espiritual, pois, de acordo com o projeto, os desbravadores possuem a tarefa dada por Deus de guiar o povo adventista no tempo das perseguições, onde será necessário fugir para lugares distantes em meio à natureza.

É para a guerra espiritual contra as forças do mal que os desbravadores devem estar preparados, o rigoroso controle exercido no interior do clube que dá um grande enfoque ao corpo, visa, portanto, transformá-lo em um corpo passível de ser manipulado, modelado, treinado. Assim, o desbravador disciplinado é fabricado enquanto o “*adventista por excelência*”, uma vez que, no *tempo de angústia*, torna-se uma peça fundamental, pois, proporcionará a sobrevivência dos eleitos de Deus, guiando-os nos lugares insólitos, colocando em prática seu treinamento espiritual e físico, desenvolvido nas atividades do clube.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa estruturou-se em ideias que dialogam com a História Cultural, levando em consideração principalmente os estudos das identidades, bem como as pesquisas que tratam a questão do imaginário social, como forma de entender os elementos fomentadores da representação identitária de um grupo, e da construção simbólica que proporciona sua coesão.

A História Cultural nos traz a noção de cultura como uma forma de expressão da realidade, que se traduz de forma simbólica, através dos sentidos atribuídos às coisas, às palavras, às pessoas (PESAVENTO, 2005), enquanto Jacques Le Goff (1994) define o imaginário como uma forma de realidade, um regime de representações que pauta e induz as ações.

Dentro desta perspectiva, observamos como a Igreja Adventista, através de sua narrativa do fim do mundo, elabora sentidos, e representações identitárias que norteiam suas práticas, separando-os dos outros e conferindo ao grupo o sentimento de pertencimento. A Igreja Adventista do Sétimo dia traz como argumento fundador, a ideia do fim do mundo, tendo sua filosofia marcada por um forte tensionamento uma vez que, nesta visão, o cristão deve ter uma postura de constante vigilância, a fim de estar preparado para o advento.

Consideramos que, historicizar as práticas de *disciplina* da IASD, nos dá a possibilidade de investigar as estruturas intelectuais fomentadoras de tais práticas. Situamos nossas reflexões acerca da disciplina a partir das análises feitas por Michel Foucault (1979) a respeito da produção do conhecimento e as complexas relações de poder que a constituem, analisando, através do binômio “saber-poder”, como a IASD utiliza-se da disciplina, como meio de exercer um controle minucioso sobre a vida, o corpo, os movimentos do indivíduo.

Diante disto, num primeiro momento do texto, vimos como a Igreja adventista apropriou-se dos princípios da pedagogia moderna aliados ao método de ensino elaborado pelo clube de escoteiros, ressignificando-os de acordo com seus propósitos, a fim de elaborar um sistema de ensino que, de forma lúdica e atrativa repassasse os princípios doutrinários elaborados por Ellen White para crianças de adolescentes, metodologia que se concretizou com a criação do Clube de Desbravadores.

Abordamos também acerca da estruturação do currículo de ensino elaborado para o clube, observando os aspectos de militarização da infância, no qual através da disciplina, pretende-se operar para a salvação dos infantes a partir do controle do corpo, e da mente. Através da doutrinação e da disciplinarização, o clube conduz os desbravadores no caminho da Salvação.

Neste processo de consolidação de uma identidade para os adventistas, abordamos a fabricação do desbravador enquanto a representação do *adventista por excelência* uma vez que seu treinamento contempla todas as esferas necessárias para que haja um processo de santificação de acordo com Ellen White. Vimos também o papel conferido aos desbravadores dentro da narrativa escatológica adventista que através do treinamento recebido, são preparados para atuarem como líderes do povo de Deus no tempo do fim.

Nesta pesquisa buscamos abordar tal temática a partir do plano das ideias, buscando entender por quais esquemas de pensamento tais protocolos de ação foram elaborados. Sabemos que há muito que explorar, pois não podemos estabelecer a realidade de um grupo através de suas regras e normas oficiais. É necessário adentrar ao campo das práticas, dos usos e desusos realizados pelos *usuários*, dos símbolos culturais que os cercam.

Desta forma, considerando os desbravadores enquanto sujeitos de estratégias e táticas, optamos por deixar para um próximo momento tal investigação, pretendemos em uma próxima pesquisa analisar as negociações, os espaços de *burla*, os *usos* e *desvios* dos produtos culturais, realizados pelos sujeitos desbravadores frente às normas que lhes são impostas, a fim de percebermos as subjetividades produzidas por eles acerca destes saberes.



## FONTES

### Obras de Ellen White

**A Ciência do Bom Viver.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

**Conselhos sobre Educação.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007

**Conselhos sobre Regime Alimentar.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

**Educação.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

**Eventos Finais.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

**Mensagem aos Jovens.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1979.

**O Grande Conflito.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

**Orientação da Criança.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1954.

**Santificação.** Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

**Temperança.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

**Testemunhos Para a Igreja.** 9 Vols, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

**Testemunhos Seletos.** *Vol. III.* Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

**Vida e Ensinos.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

### Materiais do Clube de Desbravadores:

**Manual de Especialidades.** Ministério Jovem - Divisão sul-americana. 2012. Disponível em: [www.desbravadores.org.br](http://www.desbravadores.org.br) Acesso em Agosto de 2014.

**Cartões de classes: Amigo, Companheiro, Pesquisador, Pioneiro, Excursionista, Guia.** Disponível em: [www.universododesbravador.com.br](http://www.universododesbravador.com.br) Acesso em Agosto de 2014.

**História dos Desbravadores, Ideais, Filosofia, Emblemas, Deveres, Curiosidades, Objetivos dos Desbravadores, Manual de Ordem Unida.** Disponível em: [www.universododesbravador.com.br](http://www.universododesbravador.com.br) Acesso em: Agosto de 2014.

**Desbravadores: “A História que Nasceu no coração de Deus”.** 10º região – Missão Nordeste, 2012. Disponível em [www.mundodasespecialidades.com.br](http://www.mundodasespecialidades.com.br) Acesso em Agosto de 2014.

**SITES CONSULTADOS**

**www.cantinhodaunidade.com.br** Acesso realizado em outubro de 2014.

**www.desbravadores.org.br** Acesso em: Março de 2017

**http://lencodedesbravador.blogspot.com.br** Acesso em: Março de 2017

**http://www.revistaadventista.com.br** Acesso em: Outubro de 2016

**http://www.ararigboia.org** Acesso em Outubro de 2016

**http://celsiusprod.blogspot.com.br/p/download.html** Acesso em Junho 2017

**www.embaixadoresdorei.blogspot.com** Acesso em Maio 2016

**www.universododesbravador.com.br** Acesso: Maio 2016

**www.museudodesbravador.blogspot.com** Acesso em Março 2017

## BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Glauber Souza. **O Caminho da Perfeição: Um estudo da teologia da santificação em John Wesley e Ellen White**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2011.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Família e da Criança**. Tradução: Dora Flaksman, - 2.ed. – Rio de Janeiro: LTC, 2006

**Bíblia Thompson**, trad.: João Ferreira de Almeida, São Paulo: VIDA, 1990.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Editora Zahar. RJ: 2008.

BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. “**Práticas Culturais no Império Romano: Entre a Unidade e a Diversidade**”. MENDES, Norma Musco. SILVA, Gilvan Ventura da. (orgs.). *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Maudad, ES: EDUFES, 2006.

BRAUNER, Maria Fabiana. **Enunciação e Representação: da construção mítica à possibilidade enunciativa**. Educação e Realidade. vol. 30, 125-140, jan/jun 2005.

BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade, O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo**. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990

CASTRO, Celso. **In corpore sano, os militares e a introdução da educação física no Brasil**. Antropolítica, Niterói, nº 2, p. 61-78, 1º sem.,1997.

CARVALHO, Gil Marcos dos Santos. 2011. **Clube de Desbravadores, Projeto: Feira do Desbravador**. Disponível em: [www.desbravadores.org.br](http://www.desbravadores.org.br) Acesso realizado em: 21 de Setembro de 2014.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CLARCK J. U.; **A ideia pedagógica de Horace Mann e sua influência na educação pública**. Jornada HISTEDBR. 2015.

CORREIA, Maria Elisa L. **Ideologia e Educação: O pensamento Liberal e a Educação Protestante Adventista de Origem Norte-Americana no Brasil**. Revista HISTEDBR On-Line, Campinas, n 22, p. 93-104, jun. 2006.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente: 1300-1800**; trad.: Maria Lucia Machado. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. **Mil Anos de Felicidade: Uma História do Paraíso**; trad.: Paulo Neves. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

DICK, Everett. **Fundadores da Mensagem**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**; Org. e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**; trad.: Raquel Ramallete, 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FUNCKNER, Ismael. **Igreja Adventista: Um Movimento da Modernidade**. XIII ABHR, 2012. (<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/626/525>).

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GONDRA, José Gonçalves. **Homo Hygienicus: Educação, Higiene e a Reinvenção do Homem**. Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n. 59, p. 25-38, abril 2003 29. Disponível em [www.cedes.unicamp.br](http://www.cedes.unicamp.br). Acesso em: Agosto 2016.

HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto, ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1999.

HEROLD JUNIOR, C. **Corpo e Educação no Escotismo: Um Estudo a partir do Pensamento de Baden-Powell (1908-1941)**. VII CBHE, 2013.

\_\_\_\_\_. **A educação corporal no Paraná através do movimento escoteiro em Guarapuava (1927-1936)**. Educação em Revista, Belo Horizonte, V. 27, n 2, p. 123-150, 2011.

HEROLD JUNIOR, C. e VAZ, A.F. **O Grupo Escolar Visconde de Guarapuava: Escotismo e Escolarização das Atividades Corporais no Interior do Paraná (1920-1930)**. Revista Histedbr Oline, Campinas, número especial, p. 3-17. Mai 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Unicamp, 1990.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma História do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEANDRO, Andreza Barbosa de Farias. **“Do Melhor Possível ao Sempre Alerta”: Disciplinando Corpos e Construindo Identidades no Escotismo em Campina Grande-PB (1980-1990)**. UFCG. 2014. (Dissertação de Mestrado).

LEMOS, Francisco; UNGLAUB Josiel. **Aventuras ao Ar Livre: Guia para Desbravadores**. Tatuí, São Paulo. CPB, 2001.

NASCIMENTO, de Oliveira A. **A Nação em Armas: O Militarismo na Educação Republicana no Brasil e em Portugal**. V CBHE, 2008. (<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/117.pdf>).

PESAVENTO, Sandra Jatahi. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, Marcos. A Penetração da Educação Adventista no Brasil. In: José Claudinei Lombardi, Dermeval Saviani; Maria Isabel Moura Nascimento. (org.). Navegandi Pela História da Educação Brasileira. Campinas, Sp., Graf. FE; HISTEDBR, 2006, v. 1. CD-R, p. 1-25.

([www.histedbr.fae.unicamp.br/navegado/...Marcos\\_silva\\_Artigo.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegado/...Marcos_silva_Artigo.pdf))

SOUZA, Rosa Fátima. **A militarização da infância: Expressões do nacionalismo na cultura brasileira**. Caderno Cedes. Campinas. Nº 52, nov. de 2000.

SUARÉZ, Adolfo S. **Redenção, liberdade e serviço. Ellen White e o processo de construção Humana**; UNAPRESS, SP. 2012.

SCHUNEMANN, H. E. S. **Interfaces entre Religião e Ciência no discurso de Saúde no Adventismo**. X Simpósio ABHR. 2008.  
(<http://www.abhr.org.br/wpcontent/uploads/2008/12/shunemann-haller.pdf>).

\_\_\_\_\_. **A História como Profecia: Uma Forma de Relação entre Ciência e Religião no Fundamentalismo protestante**. XI Simpósio ABHR, 2011.  
([http://www.abhr.org.br/wpcontent/uploads/2013/01/art\\_SCHUNEMANN\\_ci%C3%AAncia\\_religi%C3%A3o\\_fund\\_protestantes.pdf](http://www.abhr.org.br/wpcontent/uploads/2013/01/art_SCHUNEMANN_ci%C3%AAncia_religi%C3%A3o_fund_protestantes.pdf)).